



1920 2000000000

GLAURA:
POEMAS EROTICOS,

DE

**MANOEL IGNACIO DA SILVA
ALVARENGA,**

*Bacharel pela Universidade de Coimbra,
e Professor de Rhetorica no
Rio de Janeiro.*

NA ARCADIA,
ALCINDO PALMIRENO:



LISBOA:

NA OFFICINA NUNESIANA.

ANNO M. DCC. XCIX.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço:

AVISO DO EDITOR.

Persuadido de que o Público estimará os Poemas Eroticos , que lhe offereço , me resolvi a pôr na frente o nome do Poeta para satisfazer á curiosidade dos Leitores. Esta liberdade , que tomei , poderá offender a hum Amigo , que me confiou , como em segredo , a sua Obra ; mas eu tive justos motivos , que me hão de desculpar , esperando , que o acolhimento das pessoas intelligentes lhe será de mais pezo , do que os vãos effeitos de huma delicadeza demasiada. Assim podessê eu dar á luz outras muitas Composições, que vi, do mesmo Auctor, e que provavel mente serão victimas do seu desgosto !



GLAURA:
POEMAS EROTICOS
DE HUM AMERICANO.

*Carminibus quæro miserarum ob-
livia rerum :*

*Præmia si studio consequar ista
sat est.*

Ovid.

Χάιροιτε λοιπον η̄μιν
Η̄ρωεζ̄· η̄ λυρη γαs
Μονθος Ε̄ρωγus υδει.

Αγακρεον.

Adeos, ó Heróes; que em fim
Nas cordas da doce Lyra
Só respira o terno Amor.

Anacreonte.



G L A U R A:
POEMAS EROTICOS.



ANACREONTE.

Rondó I.

***D**E teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo;
Pois comigo a doce Lyra
Mal respira os sons de Amor,*

Quando as cordas lhe mudaste,
O' feliz Anacreonte,
Da Meónia viva fonte
Esgotaste o claro humor.

O ruído lifongeiro
Dellas agoas não escuto,
Onde geme dado a Pluto
O grosseiro habitador.

*De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo;
Pois comigo a doce Lyra
Mal respira os sons de Amor.*

Neste bosque desgraçado
Móra o Odio, e vil se nutre
Magra Inveja, negro Abutre
Esfaimado, e tragador.

Não excita meus affectos
Gnido, Paphos, nem Cythéra:
Vejo a Serpe, ouço a Panthéra..
Oh que objectos de terror!

De

*De teu canto a graça pura ,
E a ternura não consigo ;
Pois comigo a doce Lyra
Mal respira os sons de Amor.*

Cruel setta passadora
Me consome pouco a pouco ,
E no peito frio , e rouco
A alma chora , e cresce a dôr.

Surda morte nestes ares
Enlutada , e triste vejo ,
E se entrega o meu desejo
Dos pezares ao rigor.

*De teu canto a graça pura ,
E a ternura não consigo ;
Pois comigo a doce Lyra
Mal respira os sons de Amor.*

Dos

Dos Heróes te despediste ;
Por quem Musa eterna fôa ;
Mas de flores na corda
Inda existe o teu louvor.

De agradar-te fou contente:
Sacro Loiro não me inflamma :
Da Mangueira (*) a nova rama
Orne a frente do Pastor.

*De teu canto a graça pura ,
E a ternura não consigo ;
Pois comigo a doce Lyra
Mal respira os Jons de Amor.*

A

(*) Alta, e muito copada Arvore de excellentes pômos do Brazil.



A LUZ DO SOL.

Rondó II.

L*uz do Sol, quanto és formosa,
Quem te goza não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.*

Quando puro se derrama
Vivo ardor no ameno prado,
Pelas brenhas foge o gado
Verde rama a procurar.

E se o Astro luminoso
Deixa tudo em sombra fusca,
Triste então o abrigo busca
Vagaroso a ruminar.

Luz

*Luz do Sol, quanto és formosa,
Quem te goza não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.*

Lavrador, que afflicto, e velho
Abre o campo endurecido,
Ver deseja sobmergido
O vermelho Sol no mar.

E se o humido negrume
Tolda os Ceos, e os valles banha,
Fita os olhos na montanha,
Onde o lume vê raiar.

*Luz do Sol, quanto és formosa,
Quem te goza não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.*

Pela tarde mais ardente
O Pastor estima as grutas ,
Onde penhas nunca enxutas
Vê contente gotejar.

E se as trevas no horizonte
Desenrolão negro manto ,
Com faudofo , e flebil canto
Faz o monte resonar.

*Luz do Sol , quanto és formosa ;
Quem te goza não conhece ;
Mas se desce a noite fria ,
Principia a suspirar.*

Assim Glaura , que inflammada
Perseguido Aves ligeiras ,
Quer á sombra das Mangueiras
Descançada respirar.

Entre Risos , entre Amores ,
 Se lhe falta o dia , chora ,
 E vem cedo a ver a Aurora
 Sobre as flores orvalhar.

*Luz do Sol , quanto és formosa
 Quem te goza não conhece ;
 Mas se desce a noite fria ,
 Principia a suspirar.*



O CAJUEIRO.

Rondó III.

Cajueiro desgraçado ,
 A que Fado te entregaste ,
 Pois brotaste em terra dura
 Sem cultura , e sem senhor.

No teu tronco pela tarde ,
Quando a luz no Ceo desfmaia ,
O novillo a testa enfaia ,
Faz alarde do valor.

Para fructos não concorre
Este valle ingrato , e fêcco
Hum se enruga murcho , e pêco ;
Outro morre ainda em flor.

*Cajueiro desgraçado ,
A que Fado te entregaste ,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura , e sem senbor !*

Vês nos outros rama bella ,
Que a Pomóna por tributos
Offerece doces frutos
De amarella , e rubra côr ?

Ser copado , ser florente
Vem da terra preciosa ;
Vem da mão industriosa
Do prudente Agricultor.

*Cajueiro desgraçado ,
A que Fado te entregaste ;
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura , e sem senhor !*

Fresco orvalho os mais sustenta
Sem temer o Sol activo ;
Só ao triste semivivo
Não alenta o doce humor.

Curta folha mal te veste
Na estação do lindo Agosto ,
E te deixa nú , e exposto
Ao celefte intenso ardor.

*Cajueiro desgraçado,
A que Fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura,
Sem cultura, e sem senhor!*

Mas se esteril te arruinás;
Por destino te conservas,
E pendente sobre as hervas
Mudo ensinas ao Pastor.

Que a Fortuna he quem exalta;
Quem humilha o nobre engenho:
Que não vale humano empenho,
Se lhe falta o seu favor.

*Cajueiro desgraçado,
A que Fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura, e sem senhor!*



O P O M B O .

Rondô IV.

O *Meu Pombo, a quem amava ;
 Igualava ao branco arminho :
 Do seu ninho (oh desventura!)
 Que mão dura o foi roubar?*

Na manhã clara, e serena,
 Se o achava dormitando,
 O seu somno doce, e brando
 Tinha pena de turbar.

Que faudade me confome!
 Ai de mim! Se me sentia,
 O biquinho logo abria
 Para a fome faciar.

*O meu Pombo , a quem amava ,
Igualava ao branco arminho :
Do seu ninho (oh desventura !)
Que mão dura o foi roubar ?*

Era manso , era amoroso ;
E as caricias conhecendo ,
Desejava estremecendo
Ser mimoso em agradar.

O receio já preságo
Me dizia na floresta ,
Que o tornasse pela festa
Com affago a visitar.

*O meu Pombo , a quem amava ,
Igualava ao branco arminho :
Do seu ninho (oh desventura !)
Que mão dura o foi roubar ?*

Glaura, oh Ceos! porque cedeste
 A meus rogos? dize agora,
 „ Pobres dons d' hũa Paftora
 „ Não quizefte confervar!

Effa magoa me atormenta;
 E não fei como inda vivo;
 Pois se busco lenitivo
 Mais se augmenta o fufpirar.

*O meu Pomba, a quem amava;
 Igualava ao branco arminho:
 Do seu ninho (oh desventura!)
 Que mão dura a foi roubar?*

Não me alegra o doce encanto,
 Nem affino a curva Lyra
 Tudo fente, e tudo infpira
 O meu pranto, o meu pezar.

O destino por piedade
 Me converta em pura fonte,
 Porque possa neste monte
 A saudade eternizar.

*O meu Pombo, a quem amava,
 Igualava ao branco arminho:
 Do seu ninho (oh desventura!)
 Que mão dura o foi roubar?*



A S E R P E N T E .

Rondó V.

*V*erde Cedro, verde arbusto,
 Que o meu susto, e prazer vistes,
 Vamos tristes na memoria
 Essa historia renovar.

Este o valle, he esta a fonte:
 Glaura achei aqui dormindo:
 Sonha a'egre, e se está rindo,
 E eu defronte a suspirar.

Junto della pavoroso,
 Vi, oh Ceos! monstro'enrolado,
 Féro, enorme, atroz, manchado,
 E escamoso scintillar.

*Verde Cedro, verde arbusto,
 Que o meu susto, e prazer vistes,
 Vamos tristes na memoria
 Essa historia renovar.*

Ardo, e tremo, e louco amante
 Mil horrores n'alma pinto:
 Vou.., receio..., ah que me sinto
 Vacilante desfamar.

Vence Amor: (doce ternura!)
Tomo a Nynfa nos meus braços:
Elle aperta os novos laços,
E assegura o tryunfar.

*Verde Cedro, verde arbusto,
Que o meu susto, e prazer vistes,
Vamos tristes na memoria
Essa gloria renovar.*

Em si mesma se embarça
A serpente enfurecida;
Ergue o cóllo, e atrevida
Ameça a terra, e o ar.

N'hũa pedra rude, e feia
Já lhe envio a morte affoita;
Já co' a cauda o tronco açoita,
Morde a areia a o espirar,

*Verde Cedro, verde arbusto,
Que o meu susto, e prazer vistes,
Vamos tristes na memoria
Essa historia renovar.*

Venturoso, e fatiseito,
„ Glaura bella, (então dizia)
„ Vê de amor, e de alegria
„ O meu peito palpitar.

Ella em mim buscando arrêmo,
Córa, e diz inda assustada,
„ Esse puro ardor me agrada,
„ Eu te estimo, e te hei de amar.

*Verde Cedro, verde arbusto,
Que o meu susto, e prazer vistes,
Vamos tristes na memoria
Essa historia renovar.*



A PRAIA.

Rondó VI.

*Q*uem por ti de amor desmaia,
Nesta praia geme, e chora:
Vem, Pastora, por piedade
A saudade consolar.

Não recreão sempre os montes
Co' as delicias de Amalthéa;
Vem, ó Glaura, a ruiva arêa,
Rio, e fontes animar.

Nynfa ingrata, não te escondas;
Teme os ásperos abrolhos;
E com teus serenos olhos
Vem as ondas acalmar.

Quem

*Quem por ti de amor desfmaia,
Nesta praia geme, e chora:
Vem, Pastora, por piedade
A saudade consolar.*

Mergulhão verás ligeiro,
Como cahe precipitado,
E o peixinho prateado
Leva inteiro a devorar.

Vem, cruel, não te detenhas,
Não me roubes a ventura;
Vem, que já com mais brandura
Estas penhas lava o mar.

*Quem por ti de amor desfmaia,
Nesta praia geme, e chora:
Vem, Pastora, por piedade
A saudade consolar.*

N'hum rochedo vi dois ninhos;
Já são teus elles penhores;
E entre conchas, entre flores
Os Pombinhos has de achar.

Murcharão os dons mais bellos
Da suave Primavera,
Se não vens, ó dura, e fera
Teus cabellos enlaçar.

*Quem por ti de amor desmaia ,
Nesta praia geme, e chora :
Vem, Pastora, por piedade
A saudade consolar.*

Vem a ver este remanso,
Estas arvores sombrias,
Onde, ai ! triste, ai ! longos dias,
Não descanso de esperar.

Se o amar te foi delicto,
 E te agrada o meu tormento;
 Vem ouvir o meu lamento,
 Meu afflicto suspirar.

*Quem por ti de amor desmaia,
 Nesta praia geme, e chora:
 Vem, Pastora, por piedade
 A saudade consolar.*



O BEIJA-FLOK.

Rondó VII.

DEixo, ó Glaura, a triste lida,
 Submergida em doce calma;
 E a minha alma ao bem se entrega,
 Que lhe nega o teu rigor.

Neste bosque alegre, e rindo
Sou amante afortunado;
É desejo ser mudado
No mais lindo Beija-flor.

Todo o corpo n'hum instante
Se atenúa, exhála, e perde:
Hé já de oiro, prata, e verde
A brilhante, e nova côr.

*Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submèrgida em doce calma;
E a minha alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.*

Vejo as penas, e a figura,
Provo as azas, dando gyros;
Acompanhãome os suspiros,
E a ternura do Pastor.

E n'hum vôo feliz ave
Chego intrepido até onde
Riso, e perolas esconde
O suave, e puro Amor.

*Deixo, ó Glaura, a triste lidá
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem se entrega,
Que lbe nega o teu rigor.*

Tóco o nectar precioso,
Que a mortaes não se permite;
He o insulto sem limite,
Mas ditoso o meu ardor.

Já me chamas attrevido,
Já me prendes no regaço:
Não me affusta o terno laço,
He fingido o meu temor.

Dei-

*Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.*

Se disfarças os meus erros,
E me soltas por piedade;
Não estimo a liberdade,
Busco os ferros por favor.

Não me julgues innocente,
Nem abrãdes meu castigo;
Que sou barbaro inimigo,
Insolente, e roubador.

*Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.*



A LEMBRANÇA SAUDOSA.

Rondó VIII.

Conservai, musgosas tenhas,
 Nestas brenhas minha gloria;
 E a memoria, que inda existe,
 Torne hum triste a consolar.

Repousavas, Glaura, hum dia
 Neste leito de verdura,
 E esta fonte bella, e pura
 Mal se ouvia murmurar.

Eu vi Zefiro saudoso,
 Pelas Nynfas conduzido,
 Sobre as azas suspendido
 Amoroso respirar.

*Conservai , musgosas penbas ,
Nestas brenbas minha gloria ;
E a memoria , que inda existe ,
Torne hum triste a consolar .*

Vi mil candidos Amores ,
E mil Risos namorados ,
Da Mangueira pendurados
Lindas flores desfolhar .

Os hirsutos Faunos broncos ,
A quem move tal portento ,
Reprimindo o tardo alento
Pelos troncos vi trepar .

*Conservai , musgosas penbas ,
Nestas brenbas minha gloria ;
E a memoria , que inda existe ,
Torne hum triste a consolar .*

Deo-me o prado florecente
Goivos, murta, roza, e lyrio;
Venho, ó Ninfa, em meu delirio
Tua frente a coroar.

Sem rumor com fusto chego...
Géla o fangue . já não pulsa,
Nem se atreve a mão convulsa
Teu focego a perturbar.

*Conservai, musgosas penhas,
Nestas brenhas minha gloria;
É a memoria, que inda existe,
Torne hum triste a consolar.*

De ternura, amor, e gosto
Entre o timido embaraço,
Fiquei mudo longo espaço
No teu rosto a contemplar.

Mas

Mas as lagrimas poderão
Illudir o meu receio,
E cahindo no teu feio
Te fizerão despertar.

*Conservai, musgosas penhas,
Nestas brenhas minha gloria;
E a memoria, que inda existe,
Torne bum triste a consolar.*



O BEIJA-FLOR.

Rondó IX.

Beiça-flor fui amoroso,
 E ditoso já me viste;
 Hoje he triste, e desgraçado,
 O sonhado Beiça-flor.

Mal toquei, ó Glaura bella,
 (De prazer eu me confundo)
 Nesse cravo rubicundo,
 Que ama, e zéla o mesmo Amor,

No teu puro, e brando feio
 Por castigo me encerravas;
 Eu me ria, e tu pensavas
 Ver-me cheio de temor.

Bei-

Beija-flor fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje he triste, e desgraçado
O sonhado Beija-flor.

Minha vóz não entendeste;
E querendo ver-me afflicto,
Por vingança d'hum delicto
Me fizeste o bem maior.

A prizão, em que me via;
Era o templo da ternura;
Onde em braços da Ventura
Não temia o teu rigor.

Beija-flor fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje he triste, e desgraçado
O sonhado Beija-flor.

Alva mão eu me entorneço!
Tua mão me arranca as pennas;
A servirte me condenas;
He sem preço o teu favor.

Mas tu foges rigorosa,
E eu não vôo. que martyrio!
Nem procuro o branco Lyrio,
Nem da rosa a viva côr.

*Beija-flor fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje he triste, e desgraçado
O sonhado Beija-flor.*

Ir ccontigo só defejo;
Es cruel.. cruel me agradas;
Choro as pennas arrancadas,
E em mim vejo o teu Pastor.

Ah

Ah que eu morro de saudade,
E te dizem meus gemidos,
Que os prazeres são fingidos,
E he verdade a minha dor.

*Beija-flor fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje he triste, e desgraçado
O sonhado Beija-flor.*



O AMANTE INFELIZ.

Rendó X.

G Laura! Glaura! não respondes?
 E te escondes nestas brenhas?
 Dou ás penhas meu lamento;
 O' tormento sem igual!

Ao Amor cruel, e esquivô
 Entreguei minha esperança,
 Que me pinta na lembrança
 Mais activo o féro mal.

Não verás em peito amante
 Coração de mais ternura;
 Nem qui- guarde fé mais pura,
 Mais constante, e mais leal.

Glau-

*Glaura! Glaura! não respondes?
E te escondes nestas brenhas?
Dou ás penhas meu lamento;
O' tormento sem igual!*

Se não vens, porque te chamo;
Aqui deixo junto ao Rio
Estas perolas n'hum fio,
Este ramo de coral.

Entre a murta, que se enlaça
Com as flores mais mimosas,
Acharás purpureas rofas
N'hũa taça de cristal.

*Glaura! Glaura! não respondes?
E te escondes nestas brenhas?
Dou ás penhas meu lamento;
O' tormento sem igual.*

Vejo turvo o claro dia ;
Sombra feia me acompanha ;
Não encontro na montanha
A alegria natural.

Tanto a magoa me importuna ,
Que o viver já me aborrece ;
Para hum triste , que padece ,
He fortuna o ser mortal.

*Glaura ! Glaura ! não respondes ?
E te escondes nestas brenbas ?
Dou ds penbas meu lamento ;
O' tormento sem igual !*

Onde estou ? troveja . . . o raio . . .
Foge a luz . . . os arvoredos . . .
Abalados os rochedos . . .
Já desfmaio . . . ó dor fatal !

Ninfa ingrata , esta victoria
Alcançárão teus retiros ;
Leva os ultimos suspiros
Por memoria triumphal.

*Glaura ! Glaura ! não respondes ?
E te escondes nestas brenhas ?
Dou ás penhas meu lamento ;
O' tormento sem igual.*



O JASMINEIRO.

Rondô XI.

V Entroso Jasmineiro,
 Sobranceiro ao claro Rio,
 Já do Estio o ardor se acende;
 Ah! defende este lugar.

Ache Glaura na frescura
 Destas penhas encurvadas
 Molles héras abraçadas
 Com ternura a vejetar.

Ache mil, e mil Napéas;
 E Inda mais, e mais Amores;
 Do que mostra o campo flores;
 Do que arêas tem o mar.

Veni

*Venturoso Jasmineiro ,
Sobranceiro ao claro Rio ,
Já do Estio o ardor se acende ,
Ab! defende este lugar.*

Branda Ninfa , que me escutas
Desse monte cavernoso ,
Nem o raio luminoso
Nestas grutas possa entrar.

Has de ver com dôr , e espanto ,
Como pallida a Tristeza
Dos seixinhos na aspereza
Faz meu pranto congelar.

*Venturoso Jasmineiro ,
Sobranceiro ao claro Rio ,
Já do Estio o ardor se acende ,
Ab! defende este lugar.*

Glaura bella, que resiste
Aos rigores da faudade,
Veja em muda soledade
Soño triste bocejar.

Sobre o musgo em rocha fria
Adormeça ao som das agoas,
E sonhando injustas magoas,
Chegue hum dia a suspirar.

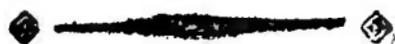
*Venturoso Fasmineiro,
Sobranceiro ao claro Rio,
Já do Estio o ardor se acende,
Ab! defende este lugar.*

Com seus olhos Glaura inflamme
Os desejos namorados,
Que em abelhas transformados,
Novo enxame cubra o ar.

Vini

Vinde abelhas amorosas ,
Sem temer o meu desgosto ,
Doce néctar no seu rosto
Entre rosas procurar.

*Venturoso Jasmineiro ,
Sobranceiro ao claro Rio ,
Já do Estio o ardor se acende .
Ab! defende este lugar.*



A N A P E ' A .

*Rondó XII.**Pastor.*

N ão dou fim a meu tormento,
 Nem o alento se restaura,
 Sem ver Glaura nos meus braços,
 Onde os laços tece Amor.

Napéa.

Fuja a vã melancolía,
 E da morte a imagem fêa;
 Que piedosa Cytheréa
 Te anuncia o seu favor.

Jura Venus pelo Estygio,
 Que has de ser entre os Pastores
 Mais feliz nos teus amores,
 Doque o Phrygio roubador.

Pastor:

*Não dou fim a meu tormento ;
 Nem o alento se restaura ,
 Sem ver Glaura nos meus braços ,
 nde os laços tece Amor.*

Napéa.

Dos penedos a dureza
 Céde á fonte , que murmura :
 Nascerá doce ternura
 Da fereza , e do rigor.

Abre a terra vagaroso,
Soffre a calma sem abrigo,
E esperando ceifa o trigo
Venturoso Lavrador.

Pastor.

*Não dou fim a meu tormento,
Nem o alento se restaura,
Sem ver Glaura nos meus braços,
Onde os laços tece Amor.*

Napéa.

Pouco durão os tributos,
De que o campo faz alarde;
E o que pende, e vem mais tarde,
He dos fructos o melhor.

Não se atêa o vivo fogo ,
Nem se nutre em lenho verde ;
N'hum instante as chammas perde ,
Morre logo o seu vigor.

Pastor.

*Não dou fim a meu tormento ,
Nem o alento se restaura ,
Sem ver Glaura nos meus braços ;
Onde os laços tece Amor.*

Napêa.

Ella já te corresponde
Em segredo carinhosa ;
Mas prudente, e receosa
N'alma esconde o puro ardor.

Triste, e só teu nome beija
Nesta gruta, que a convida;
Chorá, e geme, e enternecida
Vêr deseja o seu Pastor.

Pastor.

*Fá dou fim a meu tormento ,
Fá o alento se restaura :
Vem , ó Glaura , que em meus braços
Firmes laços rece Amor.*



A P O M B A .

*Rondó XIII.**Pombo.*

B *Ella Pomba os dias crescem,
Apparecem já mil flores,
E os penbores ver espero
Do sincero nosso amor.*

Pastor.

Oh feliz enamorado,
Como es livre da desgraça!
D' hora em hora mais te enlaça
Doce agrado, e novo ardor.

A consorte , (que ventura !)
 Acompanhas meigo , e rico ;
 Que ás palhinhas no teu bico
 A ternura dà valor.

Pombo.

*Bella Pomba , os dias crescem ;
 Aparecem já mil flores ,
 E os penhores ver espero
 Do sincero nosso amor.*

Pastor.

Preciosa lealdade
 Sem repudios , sem queixumes ,
 Sem desgostos , nem ciumes ,
 Nem faudade , nem temor !

A Fortuna te proteja ,
 Apartando os tristes lutos :
 Teus implumes tenros fructos
 Nunca veja o caçador.

Pom-

Pombo.

*Chara Pomba, os dias crescem;
Apparecem já mil flores,
E os penbores ver espero
Do sincero nosso amor.*

Pastor.

Na Mangueira fazem ninho:
Vês, ó Glaura, lá voltarão;
Forão juntos, e poufárão
No raminho superior.

Elles tornão: par ditoso!
Dize, ó Nynfa; não te agrada
Ver a Pomba acompanhada
Do amoroso rolador?

Pom-

Pomba.

*Bella Pomba os dias crescem ;
Apparecem já mil flores ,
E os penhores ver espero
Do sincero nosso amor.*

Pastor.

Innocente idade antiga ,
Tu fugiste dos humanos ;
E deixaste a magoa , os danos ,
E a fadiga , e o rigor !

Ah ! se o Ceo te convertêra ,
Nynfa ingrata , em Pomba amante ;
Eu . . . (que gosto !) hum só instante
Não quizera ser Pastor.

Pem.

Pombo.

*Chara Pomba , os dias crescem ;
 Apparecem já mil flores ,
 E os penhores ver espero
 Do sincero noſſo amor.*



O AMOR ARMADO.

Rondó XIV.

G*ira Amor feroz , e armado
 Neste prado , e valle , e serra :
 Tudo he guerra , e com seus tiros
 Mil suspiros já causou.*

Entre miseras affrontas
 Pendurou n'hum tronco a aljava ;
 Pois das settas , que estimava ,
 Glaura as pontas lhe quebrou.

Por

Por vingar-se desta injuria
Triste emprega ferro, e fogo;
Mas ao ver-me o impio logo
Mágoa, e furia disfarçou.

*Gira Amor feroz, e armado
Neste prado, e valle, e serra:
Tudo he guerra, e com seus tiros
Mil suspiros já causou.*

Meu soccorro, e meu desenho
Brando pede, e humilde approva:
Com vaidade em setta nova
Meu empenho se esmerou.

Tinha a ponta aguda, e forte,
E tres farpas bem polidas,
Negras pennas embutidas,
De que a Morte se assultou.

*Gira Amor feroz, e armado
Neste prado, e valle, e serra:
Tudo he guerra, e com seus tiros
Mil suspiros já causou.*

Dei-lhe o aço luminoso,
E o traidor louvar-me finge:
Em cruel peçonha o tinge,
E alcivoso assim fallou.

„ Fico alegre, e satisfeito. . .
„ Oh que setta! vê, se he boa:
Curva o arco, a setta vôa,
E o meu peito traspassou.

*Gira Amor feroz, e armado
Neste prado, e valle, e serra:
Tudo he guerra, e com seus tiros
Mil suspiros já causou.*

Em tormentos, e pezares
Exclamei, quando cahía:
Glaura. ! Amor...! o Amor se ria,
E dos ares me bradou.

„ O Vesúvio não se apaga:
„ Ser ditoso mereceste:
„ Do farpão, que me fizeste,
„ Leva a paga, que te dou.

*Gira Amor feroz, e armado
Neste prado, e valle, e serra:
Tudo he guerra, e com seus tiros
Mil suspiros já causou.*



O R E T R A T O .

Rondó XV.

T *Em , ó Glaura , o teu retrato
Peito ingrato , e lindo rosto ,
Que por gôsto Amor espera
Em Cybêra eternizar .*

Só adorna os teus cabellos
Verde fitta , em que os enlaças ;
E o jasmim , que as puras Graças
Com desvelos vão buscar .

Na alva testa entre a alegria ,
E a feliz serenidade ,
Não diviso a crueldade ,
Que porfia em maltratar .

Tem ,

*Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato, e lindo rosto,
Que por gôsto Amor espera
Em Cythéra eternizar.*

Os teus olhos. ah! não pinto...
Os teus olhos tudo rendem :
Da ternura o fogo accendem,
E me sinto desmaiar.

Tua face delicada
He mais bella, doque a rosa,
Quando a purpura mimosa
Orvalhada expõe ao ar.

*Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato, e lindo rosto,
Que por gôsto Amor espera
Em Cythéra eternizar.*

Doce o riso não encobre
Mil agrados innocentes ;
Mostra as perolas luzentes ,
Que descobre o respirar.

Não se apartão do teu seio
Dois Amores pequeninos ,
Tão crueis , e tão ferinos ,
Que receio de os pintar.

*Tem , ó Glaura , o teu retrato
Peito ingrato , e lindo rosto ,
Que por gôsto Amor espera
Em Cythéra eternizar.*

Tristes , e asperos rigores
Na tua alma se escondêrão ,
E implacaveis promettêrão
Minhas dores augmentar.

Tu-

Tudo o mais he formosura,
 São bellezas, que não vejo;
 E nem póde o meu desejo
 Na pintura debuxar.

*Tem, ó Glaura, o teu retrato
 Peito ingrato, e lindo rosto,
 Que por gosto Amor espera
 Em Cythéra eternizar.*



A CINTA DE VENUS.

Rondó XVI.

Cabe a cinta a Venus bella,
 Sem cautéla recoitada;
 E turbada entre os pezares
 Pede aos mares, que lhã dêm.

O thesoiro se procura ,
Os desejos se interessão ,
Os cuidados já se appressão ,
E a ternura vai tambem.

Empenhou-se , ó Glaura , o zêlo ;
Mas em vão : que perda triste !
Só eu vi , fei onde existe ;
E dizelo não convém.

*Cabe a cinta a Venus bella ;
Sem cautéla recostada ;
E turbada entre os pesares
Pede aos mares , que lha dêm.*

Roubador do puro ornato
Foi Antéro , e foi Cupido ;
E o levárão escondido
Com recato , eu fei a quem.

Receosos pelo insulto,
Que traidores commettêrão,
No teu feio se acolhêrão,
Onde occulto azylo tem.

*Cabe a cinta a Venus bella,
Sem cautéla recostada;
E turbada entre os pesares
Pede aos mares, que lha dêm.*

Dos meus olhos não se escondem
Os meninos, a quem amo:
Se os procuro, espreito, e chamo,
Correspondem, mas não vem.

Com acênos expressivos
De alegria suspeitosa
Mostrão faxa preciosa,
Que attractivos mil contem.

*Cabe a cinta a Venus bella ,
Sem cautéla recostada ;
E turbada entre os pesares
Pede aos mares , que lha dêm.*

Se piedade afflicto rógo ,
E que cessem teus rigores ,
(Ah crueis , lindos Amores !)
Fogem logo , e com desdem.

sem Abrandalos não consigo ,
E já delles tenho medo :
no, Guarda , Nynfa , este segredo ;
Que não digo a mais ninguem.

*Cabe a cinta a Venus bella ,
Sem cautéla recostada ;
E turbada entre os pesares
Pede aos mares , que lha dêm.*



DORIS , E GALATE'A.

Rondò XVII.

G *Laura bella , o Sol desfmaia ;
Esta praia te convida :
Vem dar vida ao desgraçado ,
Já cançado de chorar.*

Ouçõ ao longe o instrumento,
Que Tritão nadando embóca:
Verde carro as penhas tóca,
Dorme o vento , e dorme o mar.

D'alvos peixes o cardume
Acompanha venturoso ,
E o Delfim terno , e piedoso ,
Que presume enamorar.

Glau.

*Glaura bella , o Sol desfmaia :
Esta praia te convida :
Vem dar vida ao desgraçado ,
Fá cançado de chorar .*

Doris vejo , e Galatéa ,
Que por ti de amor se inflamão ;
Glaura esperão , Glaura chamão
Sobre a arêa a fustpirar .

Destes valles só responde
Com voz terna , e lagrimosa
Nynfa triste , em vão saudosa ,
Que se esconde , e muda em ar .

*Glaura bella , o Sol desfmaia :
Esta praia te convida :
Vem dar vida ao desgraçado ,
Fá cançado de chorar .*

Se te alegra a fonte pura
No rigor do Estío ardente ;
Desta placida corrente
A frescura vem gozar.

Ouvirás os arvorêdos ,
De meu pranto condoídos ,
Repetir os meus gemidos ,
E os rochedos abrandar.

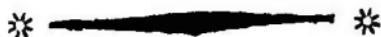
Glaura bella , o Sol desfmaia :
Esta praia te convida :
Vem dar vida ao desgraçado ,
Já cansado de chorar.

Onde estás ? vê que os Amores
Já nas aguas apparecem ,
E entre pérolas te offerecem
Meus ardores , meu pezar.

Ah !

Ah! tu vens... quanto he modesto
 Teu prazer, teu lindo rosto!
 Ai de mim! ó falso gosto!
 O' funesto delirar!

*Glaura bella, o Sol desfmaia:
 Esta praia te convida:
 Vem dar vida ao desgraçado,
 Já cansado de chorar.*



A AURORA.

Rondó XVIII.

*V*Em, ó Nynfa suspirada,
 Engraçada, e rubicunda,
 Da fecunda natureza
 A belleza a contemplar.

Longas azas facodindo ,
Foge a noite escura , e fria ;
Que fereno o claro dia
Surge rindo , e deixa o mar.

De Titão a terna Esposa
Vêste os Ceos co' as lindas côres ,
E o seu pranto sobre as flores
Quer saudosa derramar.

*Vem ó Nynfa suspirada ,
Engraçada , e rubicunda ,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.*

Rôxa nuvem circulando
Pouco a pouco se illumina ;
A purpurea , e crystalina
Fluctuando não tem par.

Esta faxa longa , e verde
Muda a côr de instante a instante :
Esta azul he mais constante ,
E não perde o seu brilhar.

*Vem , ó Nynfa suspirada ,
Engraçada , e rubicunda ,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.*

Cresce a luz pelo horifonte ,
Abre o Sol o seu thesoiro ;
E movendo o carro de oiro ,
Já Ethonte inflama o ar.

Puro globo refulgente ,
Que velóz se aparta , e gyra ,
Vejo em campo de Saphíra
Transparente scintillar.

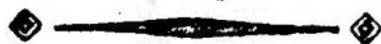
Vem

*Vem , ó Nynfa suspirada ,
Engraçada , e rubicunda ,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.*

Admirando o rico adorno
Do aprasivel firmamento ,
Tregoas dei a meu tormento ,
Mas já torno a delirar.

Assim , Glaura , me desvío
Do meu mal , quando appareces ,
E mimosa á fonte desces
Para o Rio enamorar.

*Vem , ó Nynfa suspirada ,
Engraçada , e rubicunda ,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.*



O M E I O D I A .

Rondó XIX.

*GLaura, as Nynfas te chamarão ;
E buscárão doce abrigo :
Vem comigo, e nesta gruta
Branda escuta o meu amor.*

Treme agora o ar extenso
Pela Esfera crystalina ;
Que os seus raios não declina
Este immenso resplendor.

Busca o toiro fatigado
Frias sombras, verde relva :
Co' a cigarra zune a selva,
Foge o gado, e o Pastor.

Glau.

*Glaura, as Nynfas te chamarão,
E buscarão doce abrigo:
Vem comigo, e nesta gruta
Branda escuta o meu amor.*

Ferve a arêa desta praia,
Arde o musgo no rochedo,
Esmorece o arvoredado,
E desfmaia a tenra flor.

Todo o campo se desgosta,
Tudo. ah! tudo a calma sente:
Só a gélida serpente
Dorme exposta ao vivo ardor.

*Glaura, as Nynfas te chamarão,
E buscarão doce abrigo:
Vem comigo, e nesta gruta
Branda escuta o meu amor.*

Vês a plebe namorada
De volantes borbolêtas?
Loiras são, e azues, e pretas,
De mesclada, e vária côr.

Aquella ave enternecida,
Que cantou ao ver a Aurora,
Abre as azas, geme agora
Opprimida do calor.

*Glaura, as Nynfas te chamarão,
E buscarão doce abrigo:
Vem comigo, e nesta gruta
Branda escuta o meu amor.*

Fonte aqui não se despenha
Com ruído, que entristece:
Gôta a gôta a Lynfa desce,
Lava a penha sem rumor.

Aqui

Aqui vive preciosa
 Escondida amenidade ,
 O segredo , e a faudade ,
 E a chorosa minha dor.

*Glaura , as Nynfas te chamarão ,
 E buscárão doce abrigo :
 Vem comigo , e nesta gruta
 Branda escuta o meu amor.*



A T A R D E .

Rondó XX.

JA serena desce a tarde ,
 Já não arde o Sol formoso :
 Vem saudoso o brando vento
 Doce alento respirar.

Pelos fins daquelle monte
Vejo, ó Nynfa, luzes bellas
Entre purpura amarellas
No horifonte fluctuar.

Que gigante os Ceos adorna
Comi chuveiros d'e oiro, e prata!
Sóbe, e cresce, e se desfata,
E se torna todo em ar!

*Já serena desce a tarde,
Já não arde o Sol formoso:
Vem saudoso o brando vento
Doce alento respirar.*

Surge alí vistosa ferra
De mil varios esplendores,
A quem Iris deu as cores
Para a terra enamorar.

Nuvens claras, e redondas
Deixa Phebo acelerado,
Que o semblante avermelhado
Sobre as ondas vai banhar.

*Já serena desce a tarde,
Já não arde o Sol formoso:
Vem saudoso o brando vento
Doce alento respirar.*

Pouco a pouco a luz desmaia ;
Mas não cede á noite fêa :
Inda vejo a folta arêa
Nesta praia branquejar.

Cordeirinhos manteúdos
Traz Pastora diligente :
Elles brincão frente a frente ,
Vem felpudos a saltar.

Já

*Já serena desce a tarde,
Já não arde o Sol formoso:
Vem saudoso o brando vento
Doce alento respirar.*

Como chora enternecida
Triste Flauta! ó bella, escuta...
Lá repete ao longe a gruta;
E convida a suspirar.

Ai de mim! teu peito ingrato
Não conhece o que he suspiro;
E eu por ti de amor espiro,
E só trato de te amar!

*Já serena desce a tarde,
Já não arde o Sol formoso:
Vem saudoso o brando vento
Doce alento respirar.*



A N O I T E .

Rondó XXI.

O Ute, ó Glaura, o som da Lyra,
 Que suspira lagrimosa,
 Amorosa em noite escura,
 Sem ventura, nem prazer.

Já cahio do opposto monte
 Sombra espessa nestes valles;
 Ouço aos echos de meus males
 Esta fonte responder.

São iguaes a praia, a ferra:
 D' hũa cor o bosque, o prado:
 Triste o ar, feio, enlutado
 Vem a terra escurecer.

*Ouve , ó Glaura , o som da Lyra ,
Que suspira lagrimosa ,
Amorosa em noite escura ,
Sem ventura , nem prazer.*

Melancólico agoireiro
Sólta a vóz Mocho faminto ,
L (*) E o *Vampir* de fangue tinto ;
Que he ligeiro em se esconder.

Vôa a densa escuridade ;
O silencio , horror , e espanto :
E as correntes do meu pranto
A faudade faz verter.

f it

Ou-

(*) O grande *Morcego* , que se nutre de fangue , e habita nos climas quentes.

*Ouve , ó Glaura , o som da Lyra ,
Que suspira lagrimosa ,
Amorosa em noite escura ,
Sem ventura , nem prazer .*

Tem a noite furda , e féra
Carro de ebano polido :
Move o sceptro denegrido ,
Toda a Esféra vê tremer .

Fórma o tímido desgosto
Mil imagens da tristeza ,
Que affustada a natureza
Volta o rosto por não ver .

*Ouve , ó Glaura , o som da Lyra ,
Que suspira lagrimosa ,
Amorosa em noite escura ,
Sem ventura , nem prazer .*

Ao ruído destas agoas
Vinde , ó sonhos voadores ,
De Morfeo co' as tenras flores
Minhas mágoas suspender.

Mas se Amor alivios nega ,
Quando o peito mais inflama :
Só aquelle , que não ama ,
He que chega a adormecer.

*Ouve , ó Glaura , o som da Lyra ,
Que suspira lagrimosa ,
Amorosa em noite escura ,
Sem ventura , nem prazer.*



OS AMORES PERDIDOS.

Rondó XXII.

L*ouco amante , e sem ventura ,
De ternura suspirando ,
Vou buscando entre estas flores
Os amores , que perdi.*

Não me engana o meu receio :
Tu, ó Nynfa os occultaste ,
Ou no ceio os affogaste ,
No teu seio , onde eu os ví.

Ah cruel ! tua fereza
Rigorosa os opprimia :
Meu prazer desde esse dia
Em tristeza converti.

Lou-

*Louco amante, e sem ventura,
De ternura suspirando,
Vou buscando entre estas flores
Os amores, que perdi.*

Com temor, e com faudade
Se escondião... que tormento!
Fui sensível ao lamento;
Por piedade os recolhi.

Rôxa fêlpa mal mostravão
Suas azas inda implumes:
Justos erão seus queixumes,
E choravão só por ti.

*Louco amante, e sem ventura,
De ternura suspirando,
Vou buscando entre estas flores
Os amores, que perdi.*

Nem

Nem co' a vista destes valles
Ao surgir purpurea Aurora ,
Nem c'os dons da alegre Flora
Os seus males diverti.

Ao correr das frias agoas
Por costume os ais escuto ,
Ai de mim ! qual foi o fruto
Dessas magoas, que soffri ?

*Louco amante, e sem ventura ,
De ternura suspirando ,
Vou buscando entre estas flores
Os amores , que perdi.*

No meu peito já crescidos
Húa tarde repousarão :
Suas lagrimas cessarão ,
E os gemidos não senti.

Foi

Foi então , ó Glaura bella ,
Foi então que me fugirão :
Eu clamei , e não me ouvirão
Impia estrella , em que nasci !

*Louco amante , e sem ventura ,
De ternura suspirando ,
Vou buscando entre estas flores
Os amores , que perdi .*



O AMANTE SAUDOSO.

Rondó XXIII.

Linda Glaura os arvoredos ,
E os rochedos , que já viste ,
Tudo he triste , e tudo sente
Meu ardente suspirar .

Quan-

Quando os Risos, e os Amores
Aparecem nos teus olhos,
Até d'asperos abrolhos
Vejo flores rebentar.

Mas se deixas este prado,
Ai de mim! crueis pesares!
Sinto escuro o Ceo, e os ares,
E enlutado o bosque, e o mar.

*Linda Glaura, os arvoredos,
E os rochedos, que já viste,
Tudo he triste, e tudo sente
Meu ardente suspirar.*

Não te alegra a curva praia,
Quando o Sol já se retira?
Não te move o som da lyra,
Que desfmaia de chorar?

De que nasce o teu desgosto?
Ah ! permite , que te vejam
Estes campos , que desejam
O teu rosto enamorar.

*Linda Glaura , os arvoredos ,
E os rochedos , que já viste ,
Tudo he triste , e tudo sente
Meu ardente suspirar.*

No declívio deste monte ,
Murmurando á sombra fria ,
Da soberba penedêa
Clara fonte desce ao mar.

Nessa gruta deleitosa
Doce Zefiro te espera ,
E a suave Primavera
Cuidadosa em te agradar.

*Linda Glaura, os arvoredos,
E os rochedos, que já viste,
Tudo he triste, e tudo sente
Meu ardente suspirar.*

Destes valles fuge a calma
No rigor do féro Estío:
Torna ó bella, torna ao rio,
Vem minha alma consolar.

E eu verei, oh que ventura!
Neste plaçido remanso
Os prazeres, e o descanso,
E a ternura triunfar.

*Linda Glaura, os arvoredos,
E os rochedos, que já viste,
Tudo he triste, e tudo sente
Meu ardente suspirar.*



O PRAZER

Rondó XXIV.

*Sobre o feno recostado,
Descançado affino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.*

Amo a simples Natureza:
Busquem outros a vaidade
Nos tumultos da cidade,
Na riqueza, e no poder.

Desse pélago furioso
Não me affustão os perigos,
Nem dos ventos inimigos
O raivoso combater.

*Sobre o feno recostado,
Descançado affino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.*

Pouca terra cultivada
Me agradece com seus frutos;
Mas os olhos tenho enxutos,
Quanto agrada assim viver!

O meu peito só deseje
Doce paz neste retiro;
Por delicias não suspiro,
Onde a inveja faz tremer.

*Sobre o feno recostado,
Descançado affino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.*

Pelas sombras venturosas
De fecundos arvoredos
Ouve Glaura os meus segredos,
Quando rosas vai colhêr.

Já o Amor com ferro duro
Não me assalta , nem me offende:
Já suave o fogo acende ,
E mais puro o sinto arder.

*Sobre o feno recostado ,
Descançado affino a lyra ,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.*

Entre as graças , e os Amores
Canto o Sol , e a Primavera ,
Que risonha vem da Esfera
Tudo em flores converter.

A innocencia me acompanha;
 Oh que bem! oh que thesoiro!
 Veio alegre os dias de oiro
 Na montanha renascer.

*Sobre o feno recoitado ,
 Descançado affino a lyra ,
 Que respira com ternura
 Na doçura do prazer.*



A ALEGRIA.

Rondó XXV.

S Em o amor , ó GLaura , tudo
 Era mudo , e triste , e feio:
 Tudo cheio de alegria
 Neste dia o vê tornar.

Vem

Vém contigo a formosura
E as delicias de te monte :
Dá valor ao prado , á fonte ,
A ventura de te amar .

N'outro tempo a esteril ferra
Teve a côr das minhas magoas ;
Hoje brilha o Sol nas agoas ,
Ri-se a terra , o Ceo , e o mar .

*Sem o amor , ó Glaura , tudo
Era mudo , e triste , e feio :
Tudo cheio de alegria
Neste dia o vê tornar .*

Rude Fauno , que se esconde ;
E de amor a vóz escuta ,
Dobra os echos nesta gruta ;
E responde a suspirar .

Quanto agrada ouvir desta ave
O gorgeio harmonioso,
E do Zéfiro amoroso
O suave respirar.

*Sem o amor, ó Glaura, tudo
Era nudo, e triste, e feio:
Tudo cheio de alegria
Neste dia o vé tornar.*

Coroada de mil flores,
Mostra a linda Cytheréa
Alvo pé na ruiva arêa,
Que os amores vem beijar.

Destá rocha curva, e alta
Pela tarde com descanso
Vejo, ó Nynfa, no remanso
Como falta o peixe ao ar.

Sem

*Sem o amor, ó Glaura, tudo
Era mudo, e triste, e feio
Tudo cheio de alegria
Neste dia o vê tornar.*

Desatando as tranças de oiro
Surgirá brilhante a Aurora,
Para ver a bella Flora
Seu thesouro derramar.

Ah! não fujas destes prados;
Onde amor ha de seguir-te:
Mais não tenho, que pedir-te
Nem os Fados mais, que dar.

*Sem o amor, ó Glaura, tudo
Era mudo, e triste, e feio
Tudo cheio de alegria
Neste dia o vê tornar.*



O AMANTE SATISFEITO.

Rondó XXVI.

*C*anto alegre nesta gruta,
E me escuta o valle, e o monte:
Se na fonte Glaura vejo,
Não desejo mais prazer.

Este rio socegado,
Que das margens se enamora,
Vê co' as lagrimas da Aurora
Bosque, e prado florecer.

Puro Zefiro amoroso
Abre as alas lisongeiras,
E entre as folhas das mangueiras
Vai saudoso adormecer.

Can-

*Canto alegre nesta gruta,
E me escuta o valle, e o monte:
Se na fonte Glaura vejo,
Não desejo mais prazer.*

Novos fons o Fauno ouvindo,
Destro move o pé felpudo:
Cauteloso, agreste, e mudo
Vem sahindo por me ver.

Quanto vale hũa capella
De jasmims, lirios, e rosas,
Que co' as Dryades mimosas
Glaura bella foi colher!

*Canto alegre nesta gruta,
E me escuta o valle, e o monte:
Se na fonte Glaura vejo,
Não desejo mais prazer.*

Receou tristes agoiros
 A innocencia abandonada;
 E aqui veio retirada
 Seus thesoiros esconder.

O mortal, que em si não cabe,
 Busque a paz de clima, em clima;
 Que os seus dons no campo estima,
 Quem os sabe conhecer.

*Canto alegre nest' gruta,
 E me escuta o valle, e o monte:
 Se na fonte Glaura vejo,
 Não desejo mais prazer.*

Os metaes adore o mundo;
 Ame as pedras, com que sonha,
 Do feliz Jequetinhonha, (*)
 Que em seu fundo as vio nascer.

Eu

(*) Rio onde se achão muitos diamantes no Serro do Frio.

Eu contente nestas brenhas
Amo Glaura , e amo a lyra,
Onde terno amor suspira ,
Que estas penhas faz gemer.

*Canto alegre nesta gruta ,
E me escuta o valle , e o monte :
Se na fonte Glaura vejo ,
Não desejo mais prazer.*



GLAURA DORMINDO.

Rondó XXVII.

*Voai Zefiros mimosos ,
Vagarosos com cautéla ;
Glaura bella está dormindo ;
Quanto he lindo o meu amor !*

Ma-

Mais me elevão sobre o feno
Suas faces encarnadas,
Do que as rosas orvalhadas
Ao pequeno Beija-flor.

O descanso, a paz contente
Só respirão nestes montes:
Sombras, penhas, troncos, fontes,
Tudo sente hum puro ardor.

*Voai Zefiros mimosos,
Vagarosos com cautéla;
Glaura bella está dormindo;
Quanto he lindo o meu amor!*

O silencio, que nem ousa
Bocejar, e só me escuta,
Mal se move nesta gruta,
E repouza sem rumor.

Leve sono , por piedade ,
Ah ! derrama em tuas flores
O pesar , a magoa , as dores ,
E a faudade do Pastor.

*Voai Zefiros mimosos ,
Vagabundos com cautela ;
Glaura bella está dormindo ;
Quanto he lindo o meu amor !*

Se nos mares apparece
Venus terna , e melindrosa ,
Glaura , Glaura mais formosa
Lhe escurece o seu valor.

No vestido azul e nobre
He sem oiro , e sem diamante ,
Qual a filha de Thaumante ,
Que se cobre de esplendor.

*Voai Zefiros mimosos ,
Vagarosos com cautéla ;
Glaura bella está dormindo ,
Quanto he lindo o meu amor !*

He suave o seu agrado
A meus olhos nunca enxutos ,
Como são os doces frutos
Ao cançado Lavrador.

Mas bem longe da ventura
A's mudanças vivo affeito ,
Encontrando no teu peito
Já brandura , e já rigor.

*Voai Zefiros mimosos ,
Vagarosos com cautéla ;
Glaura bella está dormindo ;
Quanto he lindo o meu amor .*



D E Z E M B R O .

Rondó XXVIII.

J A Dezembro mais calmoso
Perguiçoso o giro inclina :
Illumina o Ceo rotundo ,
Quer o mundo incendiar.

Vem Pastora aqui te esperão
Os prazeres deste rio ;
Onde o Sol , e o secco Estio
Não poderão penetrar.

Nuas graças te preparão
A conchinha transparente ,
O coral rubro , e luzente ,
Que buscárão sobre o mar.

*Já Dezembro mais calmofo
Perguiçoso o giro inclina:
Illumina o Ceo rotundo,
Quer o mundo incendiar.*

Entre os mimos, e a frescura,
Entre as sombras, e entre as agoas,
Do Pastor as tristes magoas,
E a ternura has de encontrar.

Pelo golfo curvo, e largo
Apparece a Deosa bella:
Ora a vaga se encapella,
Ora o pargo surge ao ar.

*Já Dezembro mais calmofo
Perguiçoso o giro inclina:
Illumina o Ceo rotundo,
Quer o mundo incendiar.*

De me ouvir ao som desta aura,
 Que menca os arvoredos,
 Aprenderão os rochedos
Glaura, Glaura a suspirar.

Oh, que doce amenidade!
 Loiras Dryades se ajuntão:
 Por teus olgos me perguntão
 Com saudade, e sem cessar.

*Fá Dezembro mais calmofo
 Perguiçoso o giro inclina:
 Illumina o Ceo rotundo,
 Quer o mundo incendiar.*

Ah cruel! porque não vamos
 Colher mangas preciosas,
 Que promettem venturosas
 Os seus ramos encurvar?

Se no abrigo destes prados
 Não achares lindas flores,
 Acharás os meus amores
 Desgraçados a chorar.

*Já Dezembro mais calmofo,
 Perguiçoso o giro inclina:
 Illumina o Ceo rotundo,
 Quer o mundo incendiar.*



O AMOR MUDADO EM ABELHA.

Rondó XXIX.

T *Em o amor mil passadores
 Entre as flores deste prado,
 E mudado em levê abelha,
 Se aparelha, e já vosu.*

Im•

Implacavel não descança,
E eu, ó Nynfa, bem receio,
Que elle empregue no teu feio
A vingança, que jurou.

Salhe do nectar d'uma rosa...
Ah que abelha tão ferina!
Mal a vejo, e pequenina,
E raivosa me picou.

*Tem o amor mil passadores
Entre as flores deste prado,
E mudado em leve abelha,
Se aparelha, e já voou.*

Não ha dor, que mais inflame
Infeliz! que em vivo fogo
Esmaguei a abelha, e logo
N'um enxame se tornou.

Fui

Fui crivado de seus tiros :
Vi turbar-se o Ceo sereno ;
E o mortifero veneno
Em suspiros me afogou.

*Tem o amor mil passadores
Entre as flores d'este pralo ,
E mudado em leve abelha
Se aparelha , e já voou.*

Ai de mim ! que desventura !
Que cruel melancolia !
Foge a paz , foge a alegria ;
Que amarguras me deixou.

Solitario , e pensativo ,
Esmoreço nestes valles ;
E o autor de tantos males
Vingativo se alegrou !

Tem

*Tem o amor mil passadores
Entre as flores deste prado,
E mudado em leve abelha
Se aparelha, e já voou.*

Linda Glaura, não duvides
Que o meu peito afflicto sente
Do Centauro o sangue ardente,
Com que Alcides se abrasou.

Sem cessar na intensa fragoa
Cresce o misero desgosto:
Só ao ver teu bello rosto
Minha mágoa se abrandou.

*Tem o amor mil passadores
Entre as flores deste prado,
E mudado em leve abelha
Se aparelha, e já voou.*



O D E S E J O.

Rondó XXX.

Meu desejo e' conde o rosto
 Por desgosto, a que o condemnas :
 Ah! que as pennas lhe arrancaste,
 E o lançaste, ó Glaura, ao mar.

Os Delfins compadecidos
 Lhe dão vida nestas agoas:
 Doris ouve os ais, e as magoas,
 E os gemidos com pezar.

Hamadryades se apressão,
 E nos braços o tomarão;
 Flora, e Zefiro o levarão,
 E não cessão de chorar.

Meu

*Meu desejo inclina o rosto
 Por desgosto, a que o condemnas:
 Ah! que as pennas lhe arrancaste,
 E o lançaste, ó Glaura, ao mar.*

Que te fez esse innocente
 Em colher cheirosas flores,
 Companheiro dos amores
 Diligente no agradar?

Dos teus olhos namorado,
 E ludibrio da ventura,
 Vinha amante (que ternura!)
 Neste prado suspirar.

*Meu desejo esconde o rosto
 Por desgosto, a que o condemnas:
 Ah! que as pennas lhe arrancaste,
 E o lançaste, ó Glaura, ao mar.*

Mil, e mil de amor delirão,
E se elevão sem limite,
Mais que as aves de Amphitrite,
Quandô girão sobre o ar.

Só o afflicto em vão facode,
Abre em vão as azas suas:
Abre, e mostra, que estão nuas,
Que não póde assim voar.

*Meu desejo inclina o rosto
Por desgosto, a que o condemnas:
Ab! que as pennas lhe arrancaste,
E o lançaste, ó Glauria, no mar.*

Já opprimem do teu peito
Os rigores sempre injustos:
Já se entrega á dôr, aos fustos
Satisfeito de te amar.

O infeliz não mais consumas:
 Ache o riso em teu regaço;
 E o verás n'um breve espaço
 Lindas plumas renovar.

*Meu desejo esconde o rosto
 Por desgosto, a que o condemnas:
 Ah! que as pennas lhe arrancaste,
 E o lançaſte, ó Glaura, ao mar.*



OS CANTOS AMOROSOS.

Rondó XXXI.

Para ouvir cantar de amores
 Os Pastores me buscarão;
 Convidarão Nynfas bellas;
 Glaura entre ellas me animou.

A alegria vi nos ares,
E no bosque florecente:
Cantei de Hero o amor ardente
Quando aos mares se arrojou.

Ella vê nas tristes agoas
O Abideno (ó Ceos, conforto!)
Que affogado junto ao porto
Duras magoas excitou.

*Para ouvir cantar de amores
Os Pastores me buscarão;
Convidarão Nynfas bellas;
Glaura entre ellas me animou.*

Cantei Thisbe delirante,
Que ao punhal entrega a vida:
A alma sahe pela ferida,
E ao amante acompanhou.

Morreo Pyramo enganado,
E com elle a esposa morre:
O seu fangue unido corre,
E no prado congelou.

*Para ouvir cantar de amores
Os Pastores me buscarão;
Convidarão Nynfas bellas;
Glaura entre ellas me animou.*

Cantei Dido, que suspira
Ao mover-se o mar, e o vento:
E o seu barbaro tormento
Logo em ira se mudou.

Só deseja o mortal damno
Infeliz, e abandonada:
Abre o peito aguda espada,
Que o Troyano lhe deixou.

*Para ouvir cantar de amores
Os Pastores me buscarão ;
Convidarão Nynfas bellas ;
Glaura entre ellas me animou.*

Cantei Glaura melindrosa ,
Doce agrado , e formosura ;
Que no seio da ternura
Venturosa triunfou.

Tudo applaude : e co' a leve aura
O Fayonio' lisongeiro
De boninas hum chuveiro
Sobre Glaura derramou.

*Para ouvir cantar de amores
Os Pastores me buscarão ;
Convidarão Nynfas bellas ;
Glaura entre ellas me animou.*

ECHO.



E C H O .

Rondó XXXII.

Flebil Echo destas grutas,
 Que me escutas rouca, e triste,
 Onde viste a bella Glaura
 Feliz aura respirar?

Sobre as penhas, sobre os valles
 Enviei ternos suspiros:
 E dos asperos retiros
 Só meus males vi tornar.

Os suspiros lá morrerão
 Lagrimosos, e cançados;
 E a Pastora (ai desgraçados!)
 Não poderão encontrar.

*Flebil Echo destas grutas,
Que me escutas rouca, e triste,
Onde viste a linda Glaura
Feliz aura respirar.*

Perguntei ao claro rio
Nos incultos arvoredos;
Respondeo me entre os rochedos
O sombrio murmurar.

Acho a praia sem adorno:
E pergunto ás tenras flores;
Ninguem vio os meus amores,
E inda torno a perguntar.

*Flebil Echo destas grutas,
Que me escutas rouca, e triste,
Onde viste a bella Glaura
Feliz aura respirar.*

Pelo bosque se espalharão
Minhas queixas amorosas :
E co' as Dryades faudosas
Começarão a chorar.

Nem o campo me contenta ,
Nem os Zefiros suaves :
Bulco em vão as brandas aves ,
Que afugenta o meu pezar.

*Flebil Echo destas grutas ,
Que me escutas rouca , e triste ,
Onde viste a linda Glaura
Feliz aura respirar ?*

Duro amor , ingrato , e fero ,
Que me opprimes noite , e dia ,
Se me levas a alegria ,
Não espero mais gozar.

Verdes prados, pura fonte
 Tudo, ó Glaura, desprezaste :
 Glaura! ah Glaura! e me deixaste
 Neste monte a delirar!

*Flebil Echo destas grutas ,
 Que me escutas rouca, e triste,
 Onde viste a linda Glaura
 Feliz aura respirar ?*



O CAJUEIRO DO AMOR.

Rondó XXXIII.

*V*Em, ó Nynfa, ao Cajueiro,
 Que no oiteiro desprezamos;
 Que em seus ramos tortuosos
 Amorosos fructos dá.

Se desejas a frescura,
O seu tronco te convida,
E entre as folhas escondida
Aura pura, e doce está.

Inda a mão do Estio ardente
Não creftou no campo as flores:
Vem, que a Deosa dos amores
Tua frente adornará.

*Vem, ó Nynfa, ao Cajueiro,
Que no oiteiro desprezamos,
Que em seus ramos tortuosos
Amorosos fructos dá.*

Lá chorando, e namorada
Hamadryade te acena:
Sem soccorro em sua pena
Desmaiada ficará.

Vem

Vem, confola por piedade
 Os seus miserô gemidos,
 E os seus ais, que enternecidos
 De faudade morrem já.

*Vem, ó Nynfa, ao Cajueiro,
 Que no oiteiro desprezamos,
 Que em seus ramos tortuosos
 Amrosos fruêtos dá.*

Nelle viô feliz minha alma
 Triunfar o amor, e a gloria;
 E em signal desta victoria
 Verde palma crescerá.

Vôa triste o meu martyrio,
 E de longe turba os ares:
 Semei crueis pezares
 Roxo lyrio nascerá.

Vem

*Vem, ó Nynfa, ao Cajueiro,
Que no oiteiro desprezamos,
Que em seus ramos tortuosos
Amorosos fructos dá.*

Vem tecer huma capella
Ao amor, que nos inspira ;
E na voz da curva lyra
Glaura bella soará.

Vês o amor, e não o entendes?
Tem occulto allí seu ninho ;
E te diz que he passarinho ;
Se o não prendes, voará.

*Vem, ó Nynfa, ao Cajueiro,
Que no oiteiro desprezamos,
Que em seus ramos tortuosos
Amorosos fructos dá.*



O AMOR IRADO.

Rondó XXXIV.

Amor.

P Ela gloria, a que aspiraste,
 Desprezaste os meus thesoiros:
 De teus loiros adornado,
 Desgraçado, vai chorar.

Pastor.

Doce amor, benigno escuta
 Por piedade as minhas queixas,
 Terno amor! e assim me deixas
 Nesta gruta a suspirar?

Ah!

Ah! concede os teus favores ;
Muda em riso o enfado , a ira ;
Que eu prometto a branda lyra
Aos amores dedicar.

Amor.

*Pela gloria , a que aspiraste
Desprezaste os meus thesours :
De teus loiros adornado
Desgraçado vai chorar.*

Pastor.

Destá fonte as puras agoas
Já correrão deleitosas ;
Hoje tristes vem faudosas
Minhas magoas augmentar.

Co' meus ais, e meus lamentos
Todo o campo degenera,
E nem póde a Primavera
Meus tormentos consolar.

Amor.

*Pela gloria, a que aspiraste
Desprezaste os meus thesoiros:
De teus loiros adornado
Desgraçado vai chorar.*

Pastor.

Não quebrei farpões agudos
Da sonora tua aljava:
Teu poder, que eu respeitava,
Via em tudo triunfar.

Não he grande a minha culpa
 Em ter livre o peito hum dia;
 Glaura em fim não conhecia;
 Tem desculpa o não amar.

Amor.

*Pela gloria a que aspiraste,
 Desprezaste os meus thesoiros:
 De teus loiros adornado
 Desgraçado vai chorar.*

Pastor.

Inda os olhos não serenas?
 Inda, Amor, comigo es féro?
 Em vão choro, em vão espero
 Minhas penas abrandar?

Já meu pranto os troncos move
 Co' estes languidos gemidos:
 Ah! não cerres os ouvidos,
 Que he de Jove o perdoar.

Amor.

*Pela gloria, a que aspiraste,
 Desprezaste os meus thesoiros;
 De teus loiros adornado
 Desgraçado vai chorar.*



O DESGOSTO.

Rondo XXXV.

SE piedade, o Glaura, sentes,
 Não augmentes meu desgosto:
 O teu rosto não me occultes,
 Não insultes meu penar.

A meus ais responde a brenha ,
A meus ais enternecidos ;
Inda vem os meus gemidos
Nesta penha redobrar.

Só resiste a minhas dores
Esse peito ingrato , e fero ;
Infeliz ! que em vão espero
Teus rigores abrandar.

*Se piedade , ó Glaura , sentes ,
Não augmentes meu desgosto :
O teu rosto não me ocultes ,
Não insultes meu penar.*

Doire os Ceos a luz brilhante ;
Tudo offusque a sombra escura ;
Has de ver-me sem ventura
Triste amante a suspirar.

Ah

Ah cruel ! e assim me deixas
Neste barbaro tormento ?
Minhas magoas , meu lamento ,
Minhas queixas solto ao ar ?

*Se piedade , ó Glaura , sentes ,
Não augmentes meu desgosto :
O teu rosto não me occultes ,
Não insultes meu penar .*

Já se apartão nevoas frias ,
Ri-se o campo , ri-se a esfera :
Torna a doce Primavera . .
Oh que dias vão raiar !

Ai de mim ! que não consigo
Nem prazeres , nem descanso :
Foge o bem , e não alcanço ,
Vai comigo o meu pezar .

Se

*Se piedade, ó Glaura, sentes,
 Não augmentes meu desgosto:
 O teu rosto não me occultes,
 Não insultes meu penar.*

Penfativo entre estas faias,
 Aborreço o valle, os montes:
 Não me alegrão sombras, fontes,
 Nem as praias, nem o mar.

O meu canto não respira
 Na aspereza destas grutas;
 Mas se tu me não escutas,
 Fique a lyra exposta ao ar.

*Se piedade, ó Glaura, sentes,
 Não augmentes meu desgosto:
 O teu rosto não me occultes,
 Não insultes meu penar.*



A PRIMAVERA.

Rondó XXXVI.

V Em, ó doce Primavera;
 Já te espera a minha amada;
 Não agrada triste Inverno
 A meu terno, e brando amor.

Negras nuvens amontôa
 O chuvoso Sud-Oeste;
 Move a cólera celeste,
 Tudo atrôa o seu furor.

Geme, e em ferras levantado
 Bate o mar na rocha dura:
 Perde o rumo sem ventura
 Soçobrado o Pescador.

Vem

*Vem , ó doce Primavera ;
 Já te espera a minha amada ;
 Não agrada triste Inverno
 A meu terno , e grande amor .*

Ameaça turvo o Rio ,
 Com estrondo a fonte desce ;
 E no Ceo só apparece
 Euro frio estragador .

Nem da flauta , nem da lyra
 A sonora voz se escuta :
 Solitaria , e feia a gruta
 Não inspira mais , que horror .

*Vem , ó doce Primavera ;
 Já te espera a minha amada ;
 Não agrada triste Inverno
 A meu terno , e brando amor .*

Glaura estima as bellas florès ,
Ama os Zefiros suaves :
Quer ouvir no campo as aves
E os amores do Pastor.

Vejo Dryade faudosa
Na mangueira com desgosto ,
Por não ver seu lindo rosto ,
Que da rosa tem a cor.

*Vem , ó doce Primavera ;
Já te espera a minha amada ;
Não agrada triste Inverno
A meu terno , e brando amor.*

Traze a Aurora scintillante ,
Que rompendo o véo escuro ,
Mostre a Glaura novo , e puro
Seu brilhante resplendor.

Tra.

Nos seus olhos refuscite
 Destes montes a alegria;
 Crescerá de dia em dia
 Sem limite o meu ardor.

*Vem, ó doce Primavera;
 Já te espera a minha amada;
 Não agrada triste Inverno
 A meu terno, e brando amor.*



A' MANGUEIRA.

Rondó XXXVII.

Carinbosa, e doce, ó Glaura,
 Vem esta aura lisongeira,
 E a Mangueira já florida
 Nos convida a respirar.

Sobre a relva o fol doirado
Bebe as lagrimas da Aurora ,
E suave os dons de Flora
Neste prado vê brotar.

Ri-se a fonte: e bella , e pura
Sahe dos asperos rochedos ,
Os pendentos arvoredos
Com brandura a namorar.

*Carinhosa , e doce , ó Glaura ,
Vem esta aura lisongeira ;
E a Mangueira já florida
Nos convida a respirar.*

Com voz terna harmoniosa
Canta alegre o passarinho ,
Que defronte do seu ninho
Vem a esposa consolar.

Em

Em festões os lyrios trazem..
 Nynfas, vinde - eu dou os braços ;
 Apertai de amor os laços,
 Que me fazem suspirar.

*Carinhosa, e doce, ó Glaura,
 Vem esta aura lisíngueira ;
 E a Mangueira já florida
 Nos convida a respirar.*

Vês das Graças o alvoroço ?
 Ah ! prenderão entre flores
 Os meus tímidos amores,
 Que não posso desfatar !

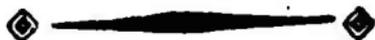
Como os cobre o casto pejo !
 Mas os olhos innocentes
 Inda mostram descontentes
 O desejo de agradar.

*Carinhosa , e doce , ó Glaura ,
Vem esta aura lisongeira ;
E a Mangueira já florida
Nos convida a respirar.*

Vagaroso , e com saudade ,
Triste , languido , e sombrio
Verdes bosques lava o rio
Sem vontade de os deixar.

Ao prazer as horas demos
Da Eltação mais opportuna ;
Que estes mimos da fortuna
Inda havemos de chorar.

*Carinhosa , e doce , ó Glaura ,
Vem esta aura lisongeira ;
E a Mangueira já florida
Nos convida a respirar.*



A R O S A

Rondó XXXVIII.

*Q*Uanto, ó Nynfa, he venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito,
Satisfeito a vê o Amor.

Pedio Flora á Natureza
Ao vestir de novo os prados,
Que esmerasse os seus cuidados
Na belleza desta flor.

Logo abrindo as azas leves
Os Favonios a ampararão:
Nem as chuvas lhe tocarão,
Nem das neves o rigor.

Quan-

*Quanto, ó Nynfa, he venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito
Satisfeito a vê o Amor!*

Elle foi Argos zelloso,
Que a guardava noite, e dia;
E entre espinhos a escondia
Do amoroso Lavrador.

Nova abelha por sensível
Desse neectar á doçura,
Encontrou na setta dura
O terrível seu furor.

*Quanto, ó Nynfa, he venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito
Satisfeito a vê o amor!*

Se no adorno teu se emprega,
Vale mil, e mil boninas;
Mas se o feio lhe destinas,
Nada chega ao seu valor.

Eu lhe vejo hum só desgosto;
Que nas folhas mal encobre;
Pois conhece que he mais nobre
Do teu rosto a bella côr.

*Quanto, ó Nynfa, he venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito
Satisfeito a vê o amor!*

Que fortuna! a Rosa treme?
Sonho? ó Glaura, eu não deliro:
Voa, e foge o teu suspiro,
E não teme o ser traidor.

Vem, suspiro terno, e mudo;
 Vem, dissipa os meus temores;
 Vence a rosa ás outras flores,
 Vença tudo o meu ardor.

*Quanto, ó Nynfa, he venturosa
 Essa rosa delicada!
 Invejada no teu peito,
 Satisfeito a vé o amor!*

◆————◆
 A' M A R E'

Rondó XXXIX.

SE invejoso o amor te impede,
 Ver a rede no remanso,
 Deixo o lanço; ah! que em demoras
 Vão as horas da Maré!

Namorada Galatêa ,
Que abrandou os negros mares ,
Fugirá destes lugares ,
Se na arêa te não vê.

Tem de perolas hum fio
Nestes humidos rochedos ,
E mostrando os seus segredos ,
Diz ao rio , que t'as dê.

*Se invejoso o amor te impede
Ver a rede no remanso ,
Deixo o lanço ; ah ! que em demoras
Vão as horas da Maré !*

Surda magoa me consome ,
E o tormento mais se agrava ,
Quando amor na rica aljava
O teu nome escrito lê.

Ai de mim ! oh Venus bella ,
Que do amor tenho ciúmes !
Nada valem meus queixumes . . .
Choro , e ella me não crê .

*Se invejoso o amor te impede
Ver a rede no remanso ,
Deixo o lanço ; ah ! que em demoras
Vão as horas da Maré !*

Vi , ó Glaura . . . que prodigio !
Meu alento se perturba ! . . .
Vi de amores linda turba
N'um vestigio do teu pé .

Mas não te enchas de vaidade ,
Que os amores são ligeiros ;
Vão , e tornão lisongeiros
Sem verdade , ardor , nem fé .

*Se invejoso o amor te impede
Ver a rede no remanso ,
Deixo o lanço ; ah ! que em demoras
Vão as horas da Maré !*

Ah cruel ! porque te escondes
De quem só por ti desmaia ?
Porque deixas esta praia ?
Não respondes ? ah ! porque ?

Já feróz melancolía
Tolda o mar , cobre a espessura :
Para os mimos da ventura
Este dia já não he.

*Se invejoso o amor te impede
Ver a rede no remanso ,
Deixo o lanço ; ah ! que em demoras
Vão as horas da Maré.*



O BOSQUE DO AMOR.

Rondó XL.

D*As-me, Amor, o que desejo;
 Mas não vejo Glaura bella:
 E sem ella ab que eu deliro,
 E suspiro sem cessar!*

Entre o musgo a penha dura
 Mostra azues, mostra rosadas
 As conchinhas delicadas
 Com brandura a gotejar.

Sobre a fonte crystalina
 Cedro annofo, e curvo pende:
 Namorado a rama estende,
 E se inclina para o mar.

Das-

*Das-me, Amor, o que desejo;
 Mas não vejo Glaura bella:
 E sem ella ab que eu deliro,
 E suspiro sem cessar!*

Verdes chôpos, verdes faias
 Move Zefiro brincando:
 Loiras Nynfas vem nadando
 Estas praias a beijar.

Vejo candidos amores,
 Vejo graças melindrosas,
 E as abelhas preciosas,
 Que nas flores vem pousar.

*Das-me, Amor, o que desejo;
 Mas não vejo Glaura bella:
 E sem ella... ab que eu deliro,
 E suspiro sem cessar!*

Os prazeres mais suaves
Aqui voão noite, e dia:
Ouço em vozes da alegria
Ternas aves modular.

Os agrados innocentes,
Que só vio a idade de oiro,
Nesta gruta o feu thesoiro
Vem contentes derramar.

*Das-me, Amor, o que deseja;
Mas não vejo Glaura bella:
E sem ella... ah que eu deliro,
E suspiro sem cessar!*

Este bosque afortunado,
Que delicias mil ajunta,
Seja embora o de Amathunta
Dedicado á Tutelar.

Voltarei, amor piedoso,
 A' minha aspera montanha:
 Lá, se a Nynfa me acompanha,
 Vou ditoso respirar.

*Das-me, Amor, o que desejo;
 Mas não vejo Glaura bella:
 E sem ella... ab que eu deliro
 E suspiro sem cessar!*



OS SEGREDOS DE AMOR.

Rondó XLI.

*V*I Cupido, ó Glaura, hum dia,
 Em que ardia o Sol no prado,
 E sentado entre arvoredos
 Mil segredos me mostrou.

Suspirei ao ver nas flores
A desgraça, e a ventura :
E inda mais quando a ternura,
E os amores me afirmou.

Penso então abforto, e mudo
Nos encantos da belleza,
Que risonha a natureza
Sobre tudo derramou.

*Vi Cupido, ó Glaura, hum dia,
Em que ardia o Sol no prado,
E sentado entre arvoredos
Mil segredos me mostrou.*

Entendi o foin constante
Deste rio gracioso,
E o do Zefiro faudofo,
Fino amante, me agradou.

Esta fonte despenhada
 Também geme, também chora,
 E dos troncos, que enâmora
 Apartada se queixou.

*Vi Cupido, ó Glória, hum dia,
 Em que ardia o Sol no prado;
 E sentado entre arvores
 Mil segredos me mostrou.*

Se me vês enternecida
 Ao rolar o pombo, atende;
 Que a minha alma a voz lhe entende;
 Pois Cupido me ensinou.

Frio peixe, bruta fera,
 Veloz ave... ah quanto existe
 Ao amor em vão resiste,
 Que na esfera triunfou.

*Vi Cupido, ó Glaura, hum dia,
Em que ardia o Sol no prado,
E sentado entre arvoredos,
Mil segredos me mostrou.*

Ternos votos elle inflamma
Em ardor suave, e puro:
Corações de bronze duro
N'outra chamma incendiou.

E sabendo, que estes valles
Só me dão crueis abrolhos,
Co' a doçura dos teus olhos
Os meus males abrandou.

*Vi Cupido, ó Glaura, hum dia,
Em que ardia o Sol no prado,
E sentado entre arvoredos,
Mil segredos me mostrou.*



O BOSQUE DEDICADO AOS AMORES:

Rondó XLII.

*D*Uros troncos, verde prado;
Matizado de mil flores,
Aos Amores vos dedico,
E aqui fico a suspirar.

Doce Amor aqui me inflamma,
Descobrimdo os seus segredos:
Eu ouvi entre os rochedos
Nova chamma a preparar.

Quiz fugir por estes valles;
Receei, que elle me visse:
E risonho então me disse,
„ Vou teus males abrandar. „

Du-

*Duros troncos , verde-prado ,
Matizado de mil flores ,
Aos Amores vos dedico ,
E aqui fico a suspirar .*

Este Rio vagaroso ,
Que enamora as altas penhas ,
Apartando-se das brenhas ,
Vai faudoso para o mar .

Nesta gruta amor inspira
Cs desejos mais suaves :
Sobre a planta , sobre as aves
Vôa , e gira sem cessar .

*Duros troncos , verde-prado ,
Matizado de mil flores ,
Aos Amores vos dedico ,
E aqui fico a suspirar .*

Nasce aqui mimoso o trevo,
 E o serpão, e a mangerona:
 Os tributos de Pomona
 Mal me atrevo a numerar.

Bella candida, innocente
 A alegria sem queixumes
 Os pezares, e os ciumes
 Não consente aqui chegar.

*Duros troncos, verde prado;
 Matizado de mil flores,
 Aos Amores vos dedico,
 E aqui fico a suspirar.*

Co's prazeres, co' a ternura,
 Co' as delicias da floresta:
 Glaura vem no ardor da festa
 A frescura respirar.

Deixarei aqui gravada
 Breves cifras amorosas,
 E estes lirios, e estas rosas,
 Que enlaçadas ha de achar.

*Duros troncos, verde prado,
 Matizado de mil flores,
 Aos Amores vos dedico;
 E aqui fico a suspirar.*



O A M O R.

Rondó XLIII.

MEu peito se inflamma;
 O' Nynfa, soccorro,
 Piedade, que eu morro
 Na chamma de Amor.

Se os dias ferenas
Com doces victorias ,
Serão sempre glorias
As penas de Amor.

*Enxuga o meu pranto
Que fragoas accende :
O Ceo já se offende
De tanto rigor.*

Triunfe a ternura
Nas cordas da lyra ;
Que branda me inspira
Doçura de Amor.

Dá fim aos desgostos
Que nutre o receio ,
E aníma em teu feio
Os gostos de Amor.

*Enxuga o meu pranto ,
Que fragoas accende :
O Ceo já se offende
De tanto rigor.*

Por ver, que te agrava
Meu terno gemido ,
O tinha escondido
Na aljava de Amor.

Mas entre pezares
Suspira , e te roga
Conforto , e se affoga
Nos mares de Amor.

*Enxuga o meu pranto ;
Que fragoas accende :
O Ceo já se offende
De tanto rigor.*

Cantou passarinho
 Com voz lisongeira ,
 Que vio na mangueira
 O ninho de Amor.

Alegra os rochedos ,
 E aprende desta ave
 No canto suave
 Segredos de Amor.

*Enxuga o meu pranto ,
 Que fragoas accende :
 O Ceo já se offende
 De tanto rigor.*

O monte me escuta ,
 Respondem as brenhas ,
 Que busque nas penhas
 A gruta de Amor.

As magoas contemplo
E a dor, que me cança:
Envio a Esperança
Ao templo de Amor.

*Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende:
O Ceo já se offende
De tanto rigor.*

Vem ver nestes valles
Os mimos de Flora,
E o triste, que chora
Os males de Amor.

Respire a minha alma;
Que geme, que espera:
E ganhe em Cythera
A palma de Amor.

*Enxuga o meu pranto ,
Que fragoas accende :
O Ceo já se offende
De tanto rigor.*

Se amante annuncias
Prazeres ditosos ;
Serão preciosos
Os dias de Amor.

Ah deixa os rigores ,
Dar-te hei , Glaura bella ,
Em nova capella
Mil flores de Amor.

*Enxuga o meu pranto ,
Que fragoas accende :
O Ceo já se offende
De tanto rigor.*



A' AUZENCIA.

Rondó XLIV.

MUsgosa, e fria gruta,
Sombrios arvoredos,
De vós os meus segredos
Confia o terno Amor.

*Ouvi, ó duras penhas ;
Ouvi a minha dor.*

Chorando a bella Glaura
Me teve nos seus braços:
Ah! que tão doces laços
Não vio já mais o amor.

Naquelle triste dia
 Morreo minha esperança;
 Deixando na lembrança
 Mais vivo o meu ardor.

*Ouvi, ó duras penhas,
 Ouvi a minha dor.*

Eu vi nadar em pranto
 Aquelles olhos bellos,
 E foltos os cabellos,
 Comque brincava Amor.

Já rouca fustirando
 De magoa, e de ternura,
 Co' a mão no peito jura
 O mais constante ardor.

*Ouvi, ó duras penhas,
 Ouvi a minha dor.*

Nas vêas géla o fangue,
Se choras Glaura afflicta:
O coração palpita,
E foge a viva côr,

Funesta desventura!
Cruel, impio delterro!
Porque de bronze, ou ferro
Me não formaste, Amor?

*Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dor.*

Por mim nos verdes troncos
Seu nome foi gravado;
Crescia o nome amado,
Crescia o meu amor.

Agora entre suspiros
Na funebre espessura
Lamento a forte escura...
Ai, misero Pastor!

*Ouvi, ó duras penbas,
Ouvi a minha dor.*

Nas Libycas areas,
Ou sobre as neves frias,
Com ella alegre os dias
Passára sem temor.

Mas longe dos seus olhos,
Me affusta a morte avara,
E o mar, que nos separa,
Separa o nosso amor.

*Ouvi, ó duras penbas,
Ouvi a minha dor.*

Sonôra , e branda Lyra
 Das Mufas temperada ,
 Aqui ferás deixada
 Por victima de Amor.

*Ouvi , ó duras penhas ,
 Ouvi a minba dor.*

* ————— *

OS SUSPIROS.

Rondá XLV.

SE algum dia , Glaura bella ,
 Visitar estes retiros ;
 Ouça os miseros fufpiros ,
 Que infeliz entrego ao ar.

Seja este aspero rochedo
 Quem repita as minhas mágoas;
 E o ruido destas agoas
 Quem lhe pinte o meu pesar.

*Ab! conserva, Amor, que ouviste
 O meu triste suspirar.*

Guarda amante, e compassiva
 Flebil Echo, que me escutas,
 Na aspereza deitas grutas
 Retratado o meu penar.

Aqui Glaura pela tarde
 Que decline a calma espera,
 Qual a Deosa de Cythéra,
 Quando sahe do fundo mar.

*Ab! conserva, Amor, que ouviste
 O meu triste suspirar.*



A LYRA DESGRAÇADA.

Rondó XLVI.

N Este Loiro pendurada
Ficarás , ó doce Lyra ,
Onde o vento , que respira ,
Te fará soar de amor.

Féras , troncos , e rochedos
Já moveste de ternura ;
Só de Glaura sempre dura
Não abrandas o rigor.

*Adeos , Lyra desgraçada ,
Conjagrada ao triste Amor.*

Plantei na alma o puro agrado,
 Que pendia dos teus olhos;
 Vi nascer crueis abrolhos,
 Em lugar do terno amor.

Estes bosques, estas fontes,
 Estas flores, este prado,
 Tudo (oh ! Ceos) vejo mudado;
 Tudo fente a minha dor.

*Adeus, Lyra desgraçada;
 Consagrada ao triste Amor.*



AS GRAÇAS.

Rondó XLVII.

SE apparece Glaura bella,
 Vejo as Graças melindrosas,
 Que jasmims, lyrios, e rosas
 Desfolhando alegres vem.

O prazer dissipa as magoas,
Os desgostos, e os ciúmes:
Enche o ar de mil perfumes,
Que nas brancas azas tem.

*Leva, Amor, os meus gemidos
Aos ouvidos do meu bem.*

Dê vós, Dryades formosas,
Saiba Glaura os meus amores;
Dai-lhe conchas, dai-lhe flores,
Dai-lhe lagrimas tão bem.

Ah! pintai-lhe nesta fonte
Qual será minha ventura,
Se nos braços da ternura
Deixa amante o seu desdem.

*Leva, Amor, os meus gemidos
Aos ouvidos do meu bem.*



A M A G O A .

Rondó XLVIII.

H *Amadryade me disse,
Que fugisse deste monte ;
E na fonte , e na floresta
Vi funesta a minha dor.*

Sobre nuvens , e entre raios ,
Oh que monstro ! a Febre vinha ;
E na mão por lanças tinha
Os desmaios , o terror.

Mais cruel a morte a segue ,
Espantosa , feia , e dura ,
Que só victimas procura ,
Em que empregue o seu furor.

Hu-

*Hamadryade me disse,
Que fugisse deste monte,
E na fonte, e na floresta
Vi funesta a minha dor.*

Geme o pallido desgosto,
Envolvido em negro manto:
Geme, e chora, e no seu pranto
Cobre o rosto o triste Amor.

Tudo, ó Ceos! tudo me affusta
Temo... ai Nynfa desgraçada!
Temo Estrella sempre irada,
Sempre injusta em seu rigor.

*Hamadryade me disse,
Que fugisse deste monte,
E na fonte, e na floresta
Vi funesta a minha dor.*

Cede Glaura , ó campo ! ó lares !
 Cede aos miseros destinos ,
 E em seus olhos crystalinos
 Dos pezares vejo a cor.

Onde estão os doces laços ?
 Onde estão ? ah ! ver não quero :
 Ai de mim ! que mais espero
 Já nos braços do pavor !

*Hamadryade me disse ;
 Que fugisse deste monte ,
 E na fonte , e na floresta
 Vi funesta a minha dor.*

O lamento , a mortal ancia
 Me acompañão nestes valles ,
 E esmorece em tantos males
 A constancia , e o valor.

Se te occulta a terra fria;
 Que farei nestes retiros?
 Ouve, ó Glaura, ouve os suspiros,
 Que te envia o teu pastor.

*Hamadryade me disse,
 Que fugisse deste monte,
 E na fonte, e na floresta
 Vi funesta a minha dor.*



O R I O.

Rondó XLIX.

Chora o Rio entre arvoredos,
 Nos penedos recostado:
 Chora o prado, chora o monte,
 Chora a fonte, a praia, o mar:

Vem

Vem as Graças lagrimosas ,
 E os Amores sem ventura
 Nesta fria sepultura
 Pranto , e rosas derramar.

Por ti , Glaura , a Natureza
 Se cobrio de magoa , e luto:
 Quanto vejo , quanto escuto
 He tristeza , e he pezar.

*Chora o Rio entre arvoredos ,
 Nos penedos recostado :
 Chora o prado , chora o monte ,
 Chora a fonte , a praia , o mar :*

A escondida , aspera furna
 Deixão satyros agrestes ,
 E de lúgubres cyprestes
 Vem a urna circular.

Vem faudades , vem delirios ,
 Vem a dor , vem o desgosto
 Co' cabellos sobre o rosto
 Murta , e lyrios espalhar.

*Chora o Rio entre arvoredos ,
 Nos penedos recostado :*
*Chora o prado , chora o monte ,
 Chora a fonte , a praia , o mar.*

Nestes ramos flebil aura
 Triste vòta , e preza gira :
Glaura aqui , e ali suspira ,
 Torna *Glaura* a suspirar.

Echo , as Dryades magda ;
 O faudoso nome ouvindo ;
 E na gruta repetindo ,
Glaura sòa , e geme o ar.

*Chora o Rio entre arvoredos ,
 Nos penedos recostado :
 Chora o prado , chora o monte ,
 Chora a fonte , a praia , o mar .*

Glaura , ó Morte enfurecida ,
 Espirou . . . que crueldade !
 E podeste sem piedade
 Sua vida arrebatat ?

Cahe a noite , a nevoa grossa
 Turba os Ceos co' manto escuro ;
 E eu afflicto em vão procuro
 Quem me possa consolar .

*Chora o Rio entre arvoredos ,
 Nos penedos recostado :
 Chora o prado , chora o monte ,
 Chora a fonte , a praia , o mar .*



A L U A.

Rôndô L.

*C*omo vens tão vagarosa,
O' formosa, e branca Lua!
Ven co' a tua luz serena
Minha pena consolar.

Geme (oh Ceos!) mangueira antiga
Ao mover-se o rouco ventô,
E renova o meu tormento,
Que me obriga a suspirar.

Entre pallidos desmaios
Me achará teu rosto lindo,
Que se elleva, reflectindo
Puros raios sobre o mar.

*Como vens tão vagarosa,
O' formosa, e branca Lua!
Vem co' a tua luz serena
Minha pena consolar.*

Sente Glaura mortaes dores :
Os prazeres se occultarão,
E no seio lhe ficarão
Os Amores a chorar.

Infeliz ! sem lenitivo
Foge tímida a esperança,
E me afflige co' a lembrança
Mais activo o meu pezar.

*Como vens tão vagarosa,
O' formosa, e branca Lua!
Vem co' a tua luz serena
Minha pena consolar.*

A cançada fantasia
Nesta triste escuridade,
Entregando-se á fadade,
Principia a delirar.

Já me assaltão, já me ferem
Melancolicos cuidados!
São espectros esfaimados,
Que me querem devorar.

*Como vens tão vagarosa,
O' formosa, e branca Lua!
Ven co' a tua luz serena
Minha pena consolar.*

Oh que lugubre gemido
Sahe daquelle cajueiro!
He do passaro agoureiro
O sentido lamentar!

Puro Amor!.. terrivel sorte!..
 Glaura bella!.. infaulto agoiro!..
 Ai de mim! e o meu thesoiro,
 Impia Morte, has de roubar!

*Como vens tão vagarosa,
 O' formosa, e branca Lua!
 Vem co' a tua luz serena
 Minha pena consolar.*



A D O R.

Rondó LI.

*V*ive, ó Glaura, nestes valles
 De meus males a memoria:
 Muda historia, que me pinta
 Nunca extingta a magoa, a dôr.

Torno a ver este alto monte,
E os antigos arvoredos :
Torno a. ver estes rochedos ,
E da fonte o puro humor.

Companheira das desgraças,
Tudo a morte desfigura :
Já voarão co' a ventura
Ternas graças , brando Amor.

*Vive, ó Glaura, nestes valles
De meus males a memoria :
Muda historia, que me pinta
Nunca extineta a magoa, a dôr.*

O meu canto harmonioso
Estes bosques aprenderão ,
Quando as Nynfas prometterão
Fim ditoso ao meu ardor.

Onde , ó barbaro destino ,
 Onde eistão as vãs promessas ?
 Na minha alma as deixa impressas ,
 O ferno teu rigor.

*Vive , ó Glaura , nestes valles
 De meus males a memoria :
 Muda historia , que me pinta
 Nunca extincta a magoa , a dôr.*

Amoroso os meus tributos
 Neste ramo pendurava :
 Eu fugia , e Glaura achava
 Ora os fructos , ora a flor.

Hoje , ó Ceos ! o meu espanto
 Nestes funebres retiros
 Vê saudades , vê suspiros ,
 Triste pranto , e feio horror.

*Vive, ó Glrura, nestes valles
De meus males a memoria:
Muda historia, que me pinta
Nunca extinta a magoa, a dôr.*

Nunca extinta!.. ingrata Estrella!
Nunca mais eu hei de ver-te?
Ai de mim! e ha de perder-te,
Glaura bella, o teu Pastor?

Só tu, Dryade, me escutas,
Encoitada ao duro tronco!
E gemendo o Fauno bronco
Enche as grutas de pavor.

*Vive, ó Glaura, nestes valles
De meus males a memoria:
Muda historia, que me pinta
Nunca extinta a magoa, a dôr.*



A R O S E I R A.

Rondó LII.

AH! *Roseira desgraçada*
Dedicada aos meus Amores,
Tuas flores mal se abrirão,
E cabirão de pesar!

Quando Glaura me dizia,
Que era sua esta roseira,
De esperança lisongeira
Me sentia consolar.

Mas a forte, que invejosa
Este alivio não consente,
Não ha mal, que não invente
Rigorosa em maltratar.

*Ab! Roseira desgraçada ,
Dedicada aos meus Amores ,
Tuas flores mal se abrirão ,
E cabirão de pesar !*

Da risonha Primavera
Esperei os dias bellos :
Glaura... oh dôr ! os teus cabellos
Quem poderá coroar.

Já não viyes , oh ! que magoa !
E a roseira , que foi tua ,
Eu a vejo esteril , nua ,
Junto d' agoa desfaiar.

*Ab! Roseira desgraçada ,
Dedicada aos meus Amores ,
Tuas flores mal se abrirão ,
E cabirão de pesar !*

Parca iniqua , atroz , funesta ,
 Era teu o infausto agoiro ;
 Já levaste o meu thesoiro ,
 Mais não resta , que roubar.

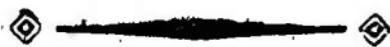
Nem as flores permittiste. . .
 Oh ! que barbara impiedade !
 Fica só cruel saudade ,
 Fica o triste suspirar.

*Ab ! Roseira desgraçada ,
 Dedicada aos meus Amores ,
 Tuas flores mal se abrirão ,
 E cabirão de pezar !*

De teus ramos a belleza
 Era o mimo destes prados ;
 Move agora (ó impioſ Fados !)
 De tristeza a lamentar.

Horrorosos são meus males;
 Tudo encontro em nevoa escura;
 Vem comigo a Desventura
 Estes valles affombrar.

*Ab! Roseira desgraçada,
 Dedicada aos meus Amores,
 Tuas flores mal se abrirão,
 E cabirão de pesar!*



ORFEO.

Rondó LIII.

*Quando a Esposa procuraste,
 Abrandaste o Reino triste;
 E inda viste a formosura
 Sem ventura, ó doce Orféo:*

O trifaúce Cão raivoso
F' escutou cheio de espanto:
O inflexível Rhadamanto
Lagrimoso se moveo.

Cahe das mãos o fio á Parca:
Ergue atroz Megera a fronte:
Tua dôr sentio Charonte,
E da barca s' esqueceo.

*Quando a Esposa procuraste,
Abrandaste o Reino triste,
E inda viste a formosura
Sem ventura, ó doce Orfeo.*

Cóme Tántalo esfaimado:
De Ixion se aparta o medo:
Deixa Sizyfo o rochedo,
E sentado adormeceo.

Não temeste o vulto afflicto
Da tartarea antiga Noite,
Que medonha o ferreo açoite
No Cocyto suspendeo.

*Quando a Esposa procuraste,
Abrandaste o Reino triste,
E inda viste a formosura
Sem ventura, ó doce Orfeo.*

A pezar do fero damno,
Só Eurydice buscavas:
Só Eurydice choravas,
E Summano a concedeo.

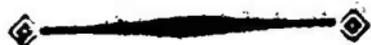
Tu a vês faudoso, e terno;
Ah! cruel, e vão prodigio!
Foge a sombra pelo Estygio,
E no Averno em fim gemeo.

*Quando a Esposa procuraste ,
 Abrandaste o Reino triste ,
 E inda viste a formosura
 Sem ventura , ó doce Orfeo.*

Glaura aqui. . aqui se esconde^h
 Vida , amor , gosto , e belleza. . .
 Glaura ! oh Ceos ! mortal tristeza
 Me responde já morreo.

Mas infaulta a morte gira
 Sempre furda a meu lamento ;
 E de mágoa , e de tormento
 Rouca a lyra emmudeceo.

*Quando a Esposa procuraste ,
 Abrandaste o Reino triste ,
 E inda viste a formosura
 Sem ventura , ó doce Orfeo.*



A A R V O R E.

Rondó LIV.

A Deos , arvore frondosa ,
Venturosa em toda a idade !
O' saudade ! ó pena ! eu morro
Sem socorro a delirar.

Deste bosque alto , e sombrio
Sobre a margem da floresta
Vinha Glaura pela fésta
Valle , e rio enamorar.

Tua Dryade a chamava ;
O' mangueira , ó dias bellos !
E entre pomos amarellos
Me esperava a suspirar.

*Adeos , arvore frondosa ,
Venturosa em toda a idade !
O' saudade ! ó pena ! eu morro
Sem soccorro a delirar .*

Quando o vento estremecia
Nessa rama verde escura ,
Glaura chea de ternura
Se affligia de esperar .

Os teus fructos merecerão
Ser por ella preferidos ,
E o meu pranto , e os meus gemidos
A foubirão abrandar .

*Adeos , arvore frondosa ,
Venturosa em toda a idade !
O' saudade ! ó pena ! eu morro
Sem soccorro a delirar .*

Morte iniqua .. ai , Fado escuro
Ceo piedoso ! eu esmoreço !
Tudo fente o que eu padeço ;
Quanto he duro o meu penar !

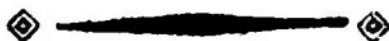
Onde eu via as tenras flores
Vejo cardos , vejo espinhos :
Já não ouço os passarinhos
Seus amores gorgear.

*Adeos , arvore frondosa ,
Venturosa em toda a idade !
O' saudade ! ó pena ! eu morro
Sem soccorro a delirar.*

Ai de mim ! ó vida triste !
Dôr cruel ! terna lembrança !
Acabou minha esperança ,
Só existe o meu pezar.

Glaura ! ah ! Glaura ! em vão te chamo !
 Chora amor, e quasi espira,
 E me manda a doce Lyra
 Neste ramo pendurar.

*Adeos, arvore frondosa,
 Venturosa em toda a idade !
 O' saudade ! ó pena ! eu morro
 Sem soccorro a delirar.*



AS CORDEIRINHAS.

Rôndó LV.

Cordeirinhas innocentes,
 Descontentes na espessura,
 A ventura já perdemos,
 Comecemos a morrer.

Pôde, ó Glaura, o fatal dia
Arrancar-te dos meus braços !
Ai amor, ai ternos laços
Onde eu via o meu prazer.

Só por Glaura se alegravão
Faunos , Dryades , Pastores :
Estes campos, estas flores
Respiravão só de a ver.

*Cordeirinhas innocentes ,
Descontentes na espezura ,
A ventura já perdemos ,
Comecemos a morrer.*

Neste misero destroço
Vem, ó Parca endurecida ,
Córta os fios d' huma vida ,
Que não posso já soffrer.

O silencio triste, e mudo
Vive nesta soledade,
Vive a funebre faudade,
Que faz tudo enternecer.

*Cordeirinhas innocentes ;
Descontentes na espessura ,
A ventura já perdemos ,
Comecemos a morrer.*

Geme Glaura ; mas não chora ,
Ai de mim ! que o seu gemido ,
Na minha alma repetido
Inda agora a faz tremer.

Quasi immovel , e turbada
Co' a mão trémula m' acena ;
Eu a vejo , ó Ceos , que pena !
Descorada esmorecer.

*Cordeirinhas innocentes ,
Descontentes na espessura ,
A ventura já perdemos ,
Comecemos a morrer.*

Disse em fim : „ Adeos , ó Prados ,
„ Ah Pastor ! as crias bellas .
„ Que momento ! .. ah ! possão ellas
„ Teus cuidados merecer !

Falta a voz .. não lhe permite
Fria morte ; acerbas mágoas !
Já meus olhos não tem agoas ,
Nem limite o padecer .

*Cordeirinhas innocentes ,
Descontentes na espessura ,
A ventura já perdemos ,
Comecemos a morrer.*



A' MORTE.

Rondó LVI.

O Prazer , a singeleza ,
A belleza , que em ti via ,
N'um só dia (ingrata sorte !)
Tudo a morte me roubou.

Esculpido na memoria
Amo , ó Glaura , o teu semblante ;
Nelle vejo a cada instante
Essa gloria , que passou.

Volve o rio as puras agoas ,
Vai correndo , e não descança ;
Assim foi minha esperança ,
E só mágoas me deixou.

*O prazer, a singeleza,
A belleza, que em ti via,
N'um só dia (ingrata sorte)
Tudo a morte me roubou.*

Neste bosque, em verde leito,
Que já foi por ti ditoso,
Leio o nome teu faudofo,
Que em meu peito o amor gravou.

Este monte, que já viste
Pelas Graças habitado,
Dellas hoje desprezado,
Feio, e triste se tornou.

*O prazer, a singeleza,
A belleza, que em ti via,
N'um só dia (ingrata sorte!)
Tudo a morte me roubou.*

Glau;

Glaura chamo sem conforto ,
 É só Echo me responde :
 Glaura busco , e não fei onde ,
 Nem se morto , ou vivo estou.

Assim triste passarinho
 A consorte em vão procura ,
 Que farpada letta dura
 Do seu ninho arrebatou.

*O prazer , a singeleza ,
 A belleza , que em ti via ,
 N'um só dia (ingrata sorte !)
 Tudo a morte me roubou.*

Voráz tempo não consome ,
 Nem abrandá meus pezares ,
 Nem eu deixo estes lugares
 Que o teu nome eternifou.

En-

Entre os concavos rochedos
 Chorarei enternecido,
 Onde amor compadecido
 Meus segredos sepultou.

*O prazer, a singeleza,
 A belleza, que em ti via,
 N'um só dia (ingrata sorte!)
 Tudo a morte me roubou.*



A SAUDADE.

Rondó LVII.

Tudo, ó Glaura, tudo existe
 Feio, e triste de saudade:
 Voa a idade, e não consome
 O teu nome, e o meu amor.

Ai de mim! a noite escuta
Pavorosa o som das agoas!
Turbarei co' as ninhas magoas
Delta gruta o mudo horror.

Vem, ó morte, eu não m' espanto;
Vem cruel, armada, e fera:
Rouco, e funebre te espera
O meu pranto, a minha dôr.

*Tudo, ó Glaura, tudo existe
Feio, e triste de saudade:
Vôa a idade, e não consome
O teu nome, e o meu amor.*

Entre as mãos do Fado acerbo
Eu te vi desfalecida,
Qual a Pomba já ferida
Do soberbo, iniquo Açor.

Tal a ovelha mais formosa
Levas, tigre enfanguentado:
Assim rompes, tosco arado,
A mimosa, e tenra flor.

*Tudo, ó Glaura, tudo existe
Feio, e triste de saudade:
Vôa a idade, e não consome
O teu nome, e o meu amor.*

Com pezar, e com desgosto
Espirou minha alegria
Quando (ó Ceos!) no infausito dia
O teu rosto vi sem côr.

Os teus olhos... ah! que eu sinto
Mais intensa a magoa dura!
Eu os vi em sombra escura,
Já extincto o esplendor.

*Tudo, ó Glaura, tudo existe
Feio, e triste de saudade;
Vôa a idade, e não consome;
O teu nome, é o meu amor.*

Sobre a penha afflicto, e terno
Gravarei funesta historia;
E das Nynfas na memoria
Fique eterno o meu ardor.

Cercarei de róxos lyrios
O lugar em que descanças;
Ai, perdidas esperanças,
Vãos delirios do Pastor!

*Tudo, ó Glaura, tudo existe
Feio, e triste de saudade;
Vôa a idade, e não consome
O teu nome, e o meu amor.*



O SOL.

Rondó LVIII.

*Quando vejo o Sol doirado
Desmaiado sobre as agoas,
Crescem magoas n'alma afflicta,
E palpita o coração.*

Oh! memoria! oh! desventura!
Glaura aqui se demorava,
E comigo respirava
A frescura no verão.

Infeliz! já nestes montes
Deu á Parca o seu tributo;
Com saudade, e eterno luto
Estas fontes choraráõ.

*Quando vejo o Sol doirado
Desmaiado sobre as agoas,
Crescem magoas n' alma afflicta,
E palpita o coração.*

Rizos , Graças (que tormento !)
Destes valles se apartarão ,
E fugindo , me deixarão
Só lamento , e confusão.

Falta ás Dryades mimosas
A belleza , que perderão ;
Pelos troncos se esconderão . . .
Lagrimosas inda estão !

*Quando vêjo o Sol doirado
Desmaiado sobre as agoas ,
Crescem magoas n' alma afflicta ;
E palpita o coração.*

Ah! depois que meus amores
Virão Glaura em ferreo somno,
Não me alegra mais o Outono,
Nem das flores a Estação.

Busco fúnebres lugares
Nos penhascos defabridos :
Levo a dôr , levo gemidos ,
E pezares , e afflicção.

*Quando vejo o Sol doirado ,
Desmaiado sobre as agoas ,
Crescem magoas n' alma afflicta ,
E palpita o coração.*

He tão barbaro , e tão fero
O rigor da minha forte ;
Que a funesta , e furda morte
Triste espero , e chamo em vão.

Doce amor! ah! que esta pena
 Meus prazeres não restaura;
 Ou me torna a linda Glaura,
 Ou modera tal paixão.

*Quando vejo o Sol doirado,
 Desmaiado sobre as agoas,
 Crescem magoas n' alma afflicta,
 E palpita o coração.*



A LYRA.

Rondó LIX.

A Deos, Lyra; a mão cançada
 Pendurada aqui te deixa,
 E se queixa da ventura;
 Ai, ternura! ai, doce Amor!

Já o Anfriso em rude teto
Te escutou, ó Lyra d' oiro,
Quando vio o moço loiro,
Que de Admeto foi Pastor.

Pelas grutas esquecido,
Mudo satyro te ouvia:
Brando zêfiro attendia,
Suspendido, e sem rumor.

*Adeos, Lyra; a mão cansada
Pendurada aqui te deixa,
E se queixa da ventura;
Ai, ternura! ai, doce Amor!*

Arrojado ao pego turvo,
Arion harmonioso
Foi contigo venturoso
Sobre o curvo nadador.

Vio nos humidos lugares
 Entre a turba sem limite,
 Glaura, Doris, e Anfitrite,
 E dos mares o fenhor.

*Adeos, Lyra; a mão cançada
 Pendurada aqui te deixa,
 E se queixa da ventura;
 Ai, ternura! ai, doce Amor!*

C'os teus sons, mais do que humano
 Commoveo os duros troncos,
 Arrastou rochedos broncos
 O Thebano fundador.

Tu venceste o carrancudo,
 Negro Averno, sempre afflicto;
 E abrandaste do Cocyto
 O sanhudo ladrador.

Adeos

*Adcos, Lyra; a mão cançada
Pendurada aqui te deixa,
E se queixi da ventura;
Ai, ternura! ai, doce Amor!*

Geme agora ; se he que viste
Espirar . . e nos meus braços.
Glaura . . oh ! Ceos ! oh ! puros laços !
Dia triste ! horrivel dor !

Rouca a voz . . . o peito frio.
Vista incerta . . ai, Glaura ! oh ! forte !
Tremo . . . choro . . . insulto a morte,
Desafio o seu rigor.

*Adcos, Lyra; a mão cançada
Pendurada aqui te deixa,
E se queixa da ventura;
Ai, ternura ! ai, doce Amor !*

Mas

III.

Voai, suspiros tristes ;
Dizei á bella Glaura o que eu padeço,
Dizei o que em mim vistes,
Que choro, que me abraço, que esmoreço:
Levai em rôxas flores convertidos
Lagrimosos gemidos , que me ouvistes :
Voai, suspiros tristes ;
Levai minha saudade ;
E , se amor , ou piedade vos mereço ,
Dizei á bella Glaara o que eu padeço.

IV.

Dryade , tu , que habitas amorosa
Da mangueira no tronco áspero, e duro,
Ah ! recebe piedosa
A grinalda , que terno aqui penduro ;
Pela tarde calmosa
Glaura saudosa , e bella
Te busca , e vem com ella mil amores ;
Mil suspiros te deixo entre estas flores.

V.

V.

Folha por folha , e cheio de ternura
 Beijarei esta Angelica mimosa ,
 Beijarei esta Rosa, (sura.
 Que hão de adornar de Glaura a formo-
 Ah ! ventura ! ventura,
 Comigo sempre esquivava ,
 Mostra-te compassiva a meus amores.
 Beije Glaura estas flores ;
 E os encontrados beijos
 Dêem novo, e puro ardor a meus desejos.

VI.

Neste áspero rochedo ,
 A quem imitas , Glaura sempre dura ,
 Gravo o triste segredo
 D' hũ amor extremo , e sem ventura.
 Os Faunos da espessura
 Com sentimento agreste
 Aqui meu nome cubrão de cypreste ;
 Ornem o teu as Nynfas amorosas
 De goivos , de jasinins , lyrios , e rosas.

VII.

VII.

O' sombra deleitosa ,
 Onde Glaura se abriga pela fésta , (ta,
 Em quanto o ardor do Sol os prados cré-
 Ah ! defende estes lyrios , e esta rosa.

E , se a Nynfa mimosa
 Perguntar quem colheo as lindas flores ,
 O' sombra deleitosa,
 Dize-lhe que os amores
 E a tímida ternura
 Do Pastor namorado , e sem ventura.

VIII.

Adeos , ó doce lyra ;
 Ficarás neste ramo pendurada.
 Ao vento , que suspira,
 Responda a tua voz triste , e cançada,
 Já foste dedicada
 Ao puro Amor , ás Graças melindrosas :
 Ellas gemem faudosas ,
 E o misero Pastor chorando espira.
 Adeos , ó doce lyra ,
 Fiel , e desgraçada ;
 Ficarás neste ramo pendurada.

IX.

IX.

O' Mangueira feliz , verde , e sombria ;
Conferva estes de amor fiéis tributos ;
Assim no fêcco Agosto a nevoa fria
Não venha destruir teus novos frutos.

He este o fausto dia ,
Que vio nascer de Glaura a formosura :
Chegue aos Ceos a ternura
Deste vóto sincero ;
E alegre eu ver espero ,
Que triunfem da forte , e de seus damnos
A belleza , o amor , a gloria , os annos.

X.

Dias infastos , dias de ventura
Notou antigo povo , ó Glaura bella :
Huns louvão sua estrella ;
Outros chamão a forte ingrata , escura.
Minha estrella benigna , ou sorte dura
Dos teus olhos depende :
Amor o sabe , e quem de amor entende ;
Pois não pôde haver dia venturoso ,
Se padeço saudoso ;
Nem dia desgraçado ,
Se consigo feliz teu doce agrado.

XI

XI.

Basta ; basta : encallhemos ,
 Sem fortuna e sem gloria
 Leve barquinho meu, ah ! não deixemos
 De misero naufragio triste historia.

Basta , basta : encalhemos ;
 E nos muros de Gnido por memoria
 De cançadas fadigas penduremos
 As ancoras , os remos ,
 O leme destroçado , as rotas vellas ,
 Vão ludibrio das horridas procellas.

XII.

Suave Primavera ,
 Coroada de flores ,
 Oh ! quem gozar poderá
 O prazer venturoso dos Pastores !
 Constante por meu mal nos seus rigores,
 Glaura por ti suspira ,
 Ao campo se retira , e lá te espera ;
 Suave Primavera,
 Coroada de flores,
 Vem risonha alegrar os meus amores.

XIII.

XIII.

Cruel melancolia ,
 Companheira infeliz da desventura ,
 Se aborreces a luz do claro dia ,
 E te alegras no horror da noite escura ,
 Minha dor te procura ,
 Pavorosa apalpando a escuridade.
 A lugubre faudade
 Te espera : ah ! não recêes a alegria ;
 Cruel melancolia ,
 Cruel ingrata , e dura ,
 Companheira infeliz da desventura.

XIV.

Do teu Pastor, ó Nynfa, allegra os olhos,
 Os tristes olhos de chorar. cançados :
 Não vejão só abrolhos ,
 Vejão flores tambem por estes prados.
 Seus miseros cuidados
 O teu rosto converte em alegria.
 Porque foges ? ah ! vem ; e nesse dia
 Feliz enxugue as lagrimas , que chora.
 Serás a bella Aurora ,
 Surgindo no horifonte,
 Que annuncia prazer ao valle, e ao monte.

XV.

XV.

No ramo da mangueira venturosa
 Triste emblema de amor gravei hũ dia,
 E ás Dryades saudoso offerencia
 Os brandos lyrios, e a purpurca rosa.

Entrão Glaura mimosa

Chega do verde tronco ao doce abrigo...

Encontra-se comigo.

Perturbada suspira, e cobre o rosto.

Entre esperança, e gozso

Deixo lyrios, e rosas.. deixo tudo;
 Mas ella foge (ó Ceos!) e eu fico mudo.

XVI.

Guarda, cruel Fortuna, poderosa
 Os thesoiros de Midas, e os de Cresso;
 Ouvindo as tristes magoas, que padeço,
 Seja a insensivel Glaura mais piedosa.

Chore hũ dia saudosa,

Suspire de ternura neste prado,

E mude em doce agrado os seus rigores:

Só por estes favores

Meu coração com rogos te importuna;

Guarda, cruel Fortuna; eu não te peço

Os thesoiros de Midas, nem de Cresso.

XVII.

XVII.

Glaura, formosa Glaura, estês momentos
 Como vão apressados!
 Não correrão assim entre cuidados,
 E miserôs lamentos.
 Puros contentamentos,
 Que haveis de despertar minha saudade;
 Demorai por piedade
 Esta gloria de amor, esta ventura.
 Ai, suave ternura!
 Em negro carro a noite desce agora,
 E no Ceo já scintilla a branca Aurora.

XVIII.

Suave Agosto, as verdes laranjeiras
 Vem feliz matizar de brancas flores,
 Que, abrindo as leves azas lisongeiras,
 Já Zefiro respira entre os Pastores:
 Nova esperança alenta os meus ardores
 Nos braços da ternura:
 O' dias de ventura,
 Glaura vereis á sombra das mangueiras!
 Suave Agosto, as verdes laranjeiras
 Co' a turba dos Amores
 Vem feliz matizar de brancas flores.

XIX.

O' somno fugitivo ,
 De vermelhas papoulas coroado ,
 Torna , torna amoroso , e compassivo
 A consolar hum triste , e desgraçado.
 Gemendo nesta gruta recostado ,

Sinto mortal desgosto ;
 Não veio mais que o rosto descorado
 Da fadade , e da magoa , com que vivo ;

O' somno fugitivo ,
 Torna , torna amoroso , e suspirado
 A consolar hum triste , e desgraçado.

XX.

Não fu'as , vem , ó Glaura ,
 Piedosa consolar o meu tormento.

Já terna , e feliz aura
 Brando respira o perguiçoso vento :
 Já cobráo novo alento

Os duros troncos , as mimosas flores.

Co' as Graças , e os Amores
 Alegre a natureza se restaura :

Não fu'as , vem , ó Glaura ,
 Vem por hum só momento
 Piedosa consolar o meu tormento.

XXI.

XXI.

Mostras-me , ó Glaura , a bella raridade
De tres conchas formosas ;
Mas eu te mostrarei da nossa idade
Tres maravilhas raras , e extremosas.
Não são metaes , nem pedras preciosas,
Nem flores , que produz a Natureza :
São a tua belleza , os teus rigores ,
E os desgraçados meus fieis amores.

XXII.

Já viste sobre o mar formando giros
D' aves ligeiras turba graciosa ?
Assim vagão nos ares mil suspiros ;
O' Glaura venturosa ;
Mas se queres piedosa
Recolher o que leva as minhas dores ;
Não chames os que são de varias cores ,
Nem verdes , nem azuis , nem cor de rosa ;
Chama aquelle , que já cançado gira ,
Que espira de ternura ;
E as azas rôxas tem de magoa pura.

XXIII.

Copada Laranjeira, onde os Amores
Virão passar de Agosto os dias bellos

Então de brancas flores

Adornaste risonha os seus cabellos.

A fortuna propicia aos teus disvellos

Annuncia feliz novos favores :

Glaura torna ; ah ! conserva lisongeira ,

Copada Laranjeira por tributos

Na rama verde-escura os aureos frutos.

XXIV.

Não desejo de Tempe o verde prado

Em perpetua, e risonha Primavera :

O valle não desejo de Cythéra

Sempre de puros lyrios esmaltado :

Se chego a merecer teu doce agrado,

O' Glaura, que ventura !

Nesta alegre espessura,

A' sombra recolhido,

Vejo de Tempe, e de Cythera as flores,

E as lindas Graças, e os fieis Amores.

XXV.

XXV.

Suspiro lagrimoso,
 Que foges do meu peito sem ventura,
 Se queres ser ditoso,
 A bella Glaura enternecer procura.
 Mostra-lhe o doce amor, a magoa pura,
 O misero tormento,
 Cruel tristeza, e funebre lamento
 De quem morre saudoso:
 Suspiro lagrimoso,
 Se queres ter ventura,
 A bella Glaura enternecer procura.

XXVI.

Vês, Nynfa, em alva escuma o pégo irado
 Que as penhas bate com furor medonho?
 Inda o verás risonho, e namorado
 Beijar da longa praia a ruiva arêa:
 Doris, e Galatêa
 Verás em concha azul sobre estas agoas.
 Ah! Glaura! ai, tristes magoas!
 Socega o mar quando repousa o vento;
 Mas quando terá fim o meu tormento?

XXVII.

XXVII.

Neste lugar faudofo ,
 O' doce Lyra , o puro amor cantemos ;
 A's grutas ensinemos
 Da bella Glaura o nome venturofo.
 Ao som do teu suspiro harmoniofo
 Parou o vento : a fonte não murmura.
 Lyra... Amor... que ternura ! suspiremos ;
 Neste lugar faudofo ,
 E ás grutas ensinemos
 Da bella Glaura o nome venturofo.

XXVIII.

Crescei , mimofas flores ,
 Adornai a verdura deste prado :
 Já zefiro apparece entre os Amores
 Risonho , e focgado :
 Da amavel Primavera o doce agrado
 Novo prazer inspira ás Graças bellas ;
 Verei brincar entre ellas
 A Nynfa mais cruel nos feus rigores.
 Crescei , mimofas flores ;
 Fugio o Inverno triste , e congelado ;
 Adornai a verdura deste prado.

XXIX.

XXIX.

Não desprezes, ó Glaura, entre estas flores,
 Com que os prados matiza a bella Flora,
 O *Jambo*, que os Amores
 Colherão ao surgir a branca Aurora.
 A Dryade suspira, geme, e chora
 Afflicta, e desgraçada.
 Ella foi despojada. . . os ais lhe escuto...
 Verás neste tributo,
 Que por sorte feliz nalceo primeiro,
 Ou fructo, que roubou da rosa o cheiro,
 Ou rosa transformada em doce fructo.

XXX.

Rochedo suspirado,
 Conserva por piedade estes gemidos,
 Até que hum dia Amor menos irado
 Os leve em rôxas flores convertidos.
 Serão da bella Glaura recebidos;
 Mas ai, q̃ o teu rigor não tem mudança,
 E até falta a esperança ao desgraçado!
 Rochedo suspirado,
 Já que ouviste os meus ais enternecidos,
 Conserva por piedade estes gemidos.

XXXI.

XXXI.

Se eu conseguisse hã dia o ser mudado,
Em verde Beijaflor , oh que ventura !

Desprezara a ternura
Das bellas flores no risonho prado.

Alegre , e namorado
Me verias , ó Glaura , em novos giros

Exhalar mil suspiros ,
Roubando em tua face melindrosa
O doce nectar de purpurea rosa.

XXXII.

Jasmins , e rosas tinha
Para adornar o tronco da mangueira :

A' fonte Glaura vinha ,
Escondi-me entre a rama lilongeira :

Fiquei a tarde inteira
A ver as perfeições da minha amada ;
Mas quando recoitada

Principia a cantar os meus amores ,
Deixo cahir as flores

Ella me vê , e exhala , que ventura !
Dois suspiros de amor , e de ternura,

XXXIII.

XXXIII.

Temi , ó Glaura bella , os teus rigores ,
 O duro coração , e o peito esquivo :
 Cessou esse motivo dos temores ,
 Depois que me mostraste o puro agrado :
 Ah ! verei neste prado
 Algum dia risonha a Primavera ?
 Doce prazer feliz minha alma espera ;
 Mas temo a sorte dura
 Que inda pode roubar-me esta ventura .

XXXIV.

Ditofo , e brando vento , por piedade
 Entrega á linda Glaura os meus suspiros ;
 E voltando os teus giros ,
 Vem depois consolar minha láudade .
 Não queiras imitar a crueldade
 Do injusto amor , da triste desventura ,
 Que empenhada procura o meu tormento .
 Ditofo , e brando vento ,
 Voa destes retiros ,
 E entrega á linda Glaura os meus suspiros

XXXV.

XXXV.

Sonhei que o duro Amor me conduzia
 Da *Gávea* (*) ao alto cume :
 Que de lá me arrojava o fero Nume,
 E entre penêdos sobre o mar cahia.
 Cruel melancolía

Desde então me apresenta esta pintura.
 Ai, Glaura ! quanto temo a desventura,
 E este sonho terrível, que ameaça
 Triste ruina, e mísera desgraça !

XXXVI.

Desejos voadores,
 Levai á bella Glaura os meus gemidos ;
 Levai enternecidos mil amores
 Nesta purpurea rosa :
 E se a Nynfa cruel, e rigorosa
 Moltrar algum receio ;
 Ah ! deixai-lhe cahir no brando seio
 Tristes faudades, lagrimas dores.

Desejos voadores,
 De puro amor nascidos,
 Levai á bella Glaura os meus gemidos.

XXXVII.

(*) Alta Serra na vizinhança do Rio de Janeiro.

XXXVII.

Innocentes Pastores,
 Fugi, fugi de Amor, que vos engana:
 Promette mil favores,
 Em quanto aguça a setta deshumana.
 Vós o vereis depois com furia insana
 Corações abraçar em vivo lume:
 Vereis cruel ciúme,
 Ancias, cuidados, magoas, e temores.
 Innocentes Pastores,
 Fugi, fugi de Amor, que vos engana:
 C'os lindos olhos da gentil Serrana.

XXXVIII.

Aura benigna, e pura, se eu podera
 Co' a magoa, em que deliro,
 Mover o coração da ingrata, e fera...
 Mas quem ha de levar deste retiro
 O meu terno suspiro á bella Glaura?
Aura respondes, Nynfa, que me ouviste
 Do seio triste dessa brenha escura.
 Aura benigna, e pura,
 Ah! leva o meu suspiro lagrimoso,
 E chegue a ser por ti mais venturoso.

XXXIX.

XXXIX.

Fugi, tristes cuidados,
 Não he vossa de Amor a bella palma:
 Deixai-me respirar dos verdes prados
 A suave alegria em doce calma.

Não turbeis a minha alma;
 Fugi, tristes cuidados:
 Para fazer meus dias desgraçados
 Basta a cruel Fortuna,
 Cruel, iniqua, barbara, importuna.

XL.

Não tardes, bella Glaura,
 Vem colher neste prado as lindas flores:
 Os risos, e os Amores co' a leve aura
 Do Favonio suave já te esperão.

As Dryades descerão
 Deste bosque sombrio, e cuidadosas
 Te preparão jasmims, lyrios, e rosas.
 Meu triste alento, e meus fieis ardores
 C'os teus olhos restaura.

Não tardes, bella Glaura,
 Vem colher neste prado as lindas flores.

XLI.

XL I.

Em vão se esforce a ira
 Dos fugitivos, ruinosos annos;
 Isento de seus damnos
 Seja o voto de amor, que amor inspira.
 Pendente fique a lyra
 Neste ramo frondoso por memoria
 Da minha triste historia;
 Que eu não verei o fim de tantos males,
 O' Glaura! ó fonte! ó tronco! ó rio! ó
valles!

XLII.

Glaura, mimosa Glaura, deixa o monte,
 Vem gozar a frescura deste prado:
 Cahe o Sol desfaiado
 Entre pallidas nuvens no horizonte.
 O zefiro saudoso, e namorado
 Te espera, sobre as azas suspendido;
 O meu terno gemido
 Verás triste, infeliz quasi affogado
 Nas agoas desta fonte.
 Glaura, mimosa Glaura, deixa o monte,
 Vem gozar a frescura deste prado.

XLIII.

XLIII.

Suspiros já cançados,
 Repoujai por hū pouco entre estas flores:
 Glaura virá, e os caridos Amores
 A gozar a belleza destes prados.
 Cahe a sombra dos montes ellevados:
 Abranda o leiro Sol os seus ardores:

A flauta dos Pastores
 Respira alegre em echos alternados.

Suspiros já cançados
 Co' as minhas tristes dores,
 Repecufai por hū pouco entre estas flores.

XLIV.

Não desmaies, ó rosa;
 Que nasceste entre espinhos escondida
 Conserva a tua purpura mimosa,
 Até que sejas d' outra mão colhida.
 Glaura vem: puro zefiro a convida:
 Virão com ella os Risos, e os Amores
 Collêr no verde prado as lindas flores
 Ornarás seus cabellos venturosa:

Não desmaies, ó rosa,
 Conserva-te escondida,
 Até que sejas d' outra mão colhida.

XLV.

XLV.

Entre flores as Graças vi hũ dia
 A' sombra destes álamos frondosos:
 Vi suaves prazeres amorosos,
 E a Ventura, que premios repartia.
 Glaura amante me ouvia;
 Mas ah! que dessa gloria
 Só existe a memoria, e o desejo!
 Pois se Glaura não vejo neste prado,
 Meu amor desgraçado em vão procura
 As Graças, os Prazeres, e a Ventura.

XLVI.

O' garça voadora,
 Se além do golfo inclinas os teus giros,
 Ah! leva os meus suspiros
 A' mais gentil Pastora desses montes.
 Não temo q' te enganes; prados, fontes,
 Tudo se ri com ella;
 Não he, não he tão bella,
 Quando surge no Ceo purpurea Aurora;
 O' garça voadora,
 Se além do golfo inclinas os teus giros,
 Ah! leva por piedade os meus suspiros.

XLVII.

XLVII.

O inverno congelado
 As montanhas cobrio de aguda neve :
 Já nos humidos ares enlutado
 Co' a noite se confunde o dia breve.
 Ai, Glaura ! que este prado
 Despojado se vê das bellas flores '
 Os Risos , os Prazeres , e os Amores
 Chorão por ti saudoscs ;
 Torna a fazer meus dias venturosos :
 Ah ! se a gloria de ver-te hoje tivera ,
 Hoje mesmo sería a Primavera.

XLVIII.

Vem , ó Glaura mimosa ,
 O abrigo destes valles te convida :
 Verás gruta escondida , e deleitosa ,
 Que musgoza , e feliz teu nome aprende.
 Benigno o Amor defende estes oiteiros :
 Não temas os chuveiros ,
 Nem q' o raio estrondoso as nuvens abra ,
 Tocando o Sol na *Cabra* luminosa.
 Vem , ó Glaura mimosa ,
 Doce ternura , e vida ;
 O abrigo destes valles te convida.

XLIX.

XLIX.

Flexivel Jasmineiro,
Cobre os teus ramos de cheirosas flores :
Favonio lisongeiro

Já torna a ver as Nynfas , e os Pastores.
Glaura vem ; terno Amor , ah ! q̃ favores
Não espera alcançar hũ puro amante?
Neste ditoso instante

Foge veloz o ardente Fevereiro.

Flexivel Jasmineiro,
Cobre os teus ramos de cheirosas flores;
Que ellas hão de adornar os meus Amo-

L. (res.

Ao longe a bella Glaura me apparece.
Não sei que resplendor nos ares vejo !
O coração , a lingua desfalece,
Entre suspiros vóa o meu desejo !

Em vão , em vão forcejo :

Piedade , Amor , soccorro ;

Que de prazer , e de ternura morro.

E se este puro effeito ao longe sinto,
Ao perto. . . ó Ceos ! q̃ imagens n' alma
(pinto !

LI.

Cuidados tragadores,
 Deixai-me respirar hũ só momento;
 Que em misero lamento, e tristes dores
 Me vai fugindo a vida.

A sombra da mangueira me convida:
 O zefiro mimoso, a fonte pura,
 Tudo, tudo murmura de fauda!
 O' doce amenidade! ó gratas flores!

Cuidados tragadores,
 Deixai-me respirar hũ só momento;
 Que eu já tórno infeliz ao meu tormento.

LII.

Em triste solidão, onde o deixarão,
 Gemia Philoctétes sem ventura:
 E só nas mesmas pontas, que o passarão,
 Do seu damno cruel estava a cura.

Assim (ai! sorte dura!)

Assim suspiro, ó Glaura, assim lamento;
 Pois no dia feliz, em que me virão,
 Teus olhos me ferirão.

E neste ardor violento
 Só teus olhos abrandão meu tormento.

LIII.

LIII.

Tu és no campo, ó Rosa,
 A flor de mais belleza
 De quantas produzio a Natureza,
 Que em tuas perfeições foi cuidadosa.
 E se Glaura formosa
 No feio dos prazeres te procura,
 Qual outra flor será de mais ventura,
 Ou mais digna de amor ou mais mimosa?
 Tu és no campo, ó Rosa,
 A flor de mais ventura, e mais belleza
 De quantas produzio a Natureza.

LIV.

Aurora rutilante,
 De quem foge assustada,
 E triste, e desfmaiada a noite escura,
 Torne contigo em carro de diamante
 Do novo dia a luz serena, e pura.
 Glaura espero... ó prazer! oh! q' ventura
 Para o faudoso amante!
 Aurora rutilante,
 Vestida de mil côres,
 Vem alegre animar os meus Amores.

LV.

O' Tempo ! ó triste Morte ,
 Por quem tudo se abate , e se arruina ,
 Cahe o Cedro mais forte ,
 E a soberba montanha o cóllo inclina.

O braço , que fulmina ,
 Sujeita o Mundo ao vosso horrivel corte.

O' Tempo , ó triste Morte ,
 Glaura espirou . . quem julgará segura
 A flor , a tenra flor da formosura ?

LVI.

Mortal suadade , he esta a sepultura ;

Já Glaura não existe ;

Ah ! como vejo triste em sombra escura
 O campo , que alegravão os seus olhos !
 Duros espinhos , asperos abrolhos

Vejo em lugar das flores :

Chorai , ternos Amores ,

Chorai comigo a infaulta desventura :

He esta a sepultura :

Meu coração á magoa não resiste :

Glaura bella (ai de mim !) já não existe !

LVII.

LVII.

O' agoas dos meus olhos desgraçados ,
 Parai, q̃ não se abranda o meu tormento:
 De que serve o lamento,
 Se Glaura já não vive? Ai, duros Fados!
 Ai, míseros cuidados! (as.
 Que vos promettem minhas magoas? ago-
 Agoas., responde a gruta,
 E a Nynfa, q̃ me escuta nestes prados!
 O' agoas dos meus olhos desgraçados ;
 Correi, correi; que na saudosa lida
 Bem pouco ha de durar tão triste vida.



Rondó

AO AUTHOR.

Toma a lyra, Alcindo amado,
 Neste prado a Glaura canta;
 Ah! levanta a voz divina,
 E me ensina a suspirar.

Para ouvir-te o Sol ardente
Fresca sombra nos procura :
O regato não murmura ,
E a corrente faz parar.

Pelos ramos tortuosos
O silencio enfrêa as aves :
Brandos zefiros suaves
Vem saudosos escutar.

*Toma a lyra , Alcindo amado ,
Neste prado a Glaura canta ;
Ab ! levanta a voz divina ,
E me ensina a suspirar.*

Se no bosque , ou nas montanhas
Ruge a onça d' ira acceza ,
Tu lhe podes a fereza ,
E as entranhas abrandar.

Doce o som dos teus accentos,
 Como o mel, que a abelha cria,
 Move a tosca penedia,
 Onde os ventos vão quebrar.

*Toma a lyra, Alcindo amado;
 Neste prado a Glaura canta;
 Ab! levanta a voz divina,
 E me ensina a suspirar.*

Aqui junto aos arvoredos
 Deixa o palido receio,
 E não temas do teu seio
 Mil segredos arrancar.

Nestes campos, nestes valles
 A calumnia, e o monstro fero...
 Mas, ó Ceos! para que quero
 Tristes males recordar.

*Toma a lyra, Alcindo amado,
Neste prado a Glaura canta;
Ab! levanta a voz divina,
E me ensina a suspirar.*

Inda os olhos mal enxutos
De sentir os teus amores,
Virão candidos Pastores
Tenros frutos te ofertar.

Virão Nynfas da floresta
Loiras, brancas, e fermosas;
E traráo jasmims, e rosas
Para a testa te enfeitar.

*Toma a lyra, Alcindo amado,
Neste prado a Glaura canta;
Ab! levanta a voz divina,
E me ensina a suspirar.*

F I M.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).